

## Sumário

### Vida espiritual

- 314 Autoridade-serviço  
Padre Javier Alvarez, Diretor geral
- 326 Autoridade da Igreja, autoridade na Igreja  
Monsenhor Jérôme Beau, Bispo auxiliar de Paris
- 336 Homilia do Papa Bento XVI por ocasião da missa pelos doentes na esplanada do Rosário a Lourdes (15 de setembro de 2008)

### Desafios atuais

- 342 Serviço aos familiares de migrantes em seus países de origem  
Província das Filipinas  
Irmãs Maria Teresa Mueda e Teresita Laguna, Filhas da Caridade
- 349 A maneira de enfrentar a missão das Filhas da Caridade no Centro dos doentes de aids de Mai-Hoa  
Província do Vietnã  
Irmã Tue Linh, Filha da Caridade

### Atualidade das Províncias

#### Visita dos Superiores

- 354 Mère Evelyne Franc e Irmã Wivine Kisu, Conselheira geral: Visita da Província de Eritréia  
As Irmãs da Província

#### Testemunho das Irmãs

- 360 Província de São Sebastião: Missão do Chad – Colaborar com nossos irmãos protestantes  
A Comunidade de Bebalem
- 363 Província de Varsóvia: A alegria de estar a serviço das crianças com deficiências mentais  
A Comunidade de Lbiska
- 365 Quase-Província: A visita do Papa Bento XVI em França  
Irmã Maria, Filha da Caridade
- 368 Província de Siena: Um Palio em honra dos 150 anos de presença das Filhas da Caridade a Siena

## Irmãs da Província

### **Palavra dos pobres**

- 368 Meu encontro com Bento XVI  
Liliane (Quase-Província)

### **Notícias Breves**

- 372 Irmã Evelyne Franc, Auditora na XII Assembléia geral ordinária do Sínodo dos Bispos a Roma (5-26 de outubro de 2008)
- 373 O nascimento de uma estrela! (Província da Venezuela)

### **História da Companhia**

#### **No tempo de São Vicente... e hoje**

- 374 Vicente de Paulo e o Espírito Santo  
II. Espírito Santo, que fazes tu?  
Padre Jean Morin, cm

## **Apresentação da Instrução**

### **“O SERVIÇO DA AUTORIDADE E DA OBEDIÊNCIA”**

“*O serviço da autoridade e da obediência*” da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica tem por subtítulo: “*É tua face, Senhor, que buscarei!*” (Sl 26, 2). À primeira vista não tem nada a ver o título com o subtítulo; não obstante, ao longo de todo o documento os dois títulos são confluentes: a busca de Deus à que faz alusão o salmo é a mesma busca que deve fazer a autoridade e a obediência.

A Instrução tem sua importância embora não apresente muitas novidades. Tampouco o pretende. Como é apresentado no número 3, o documento se situa em uma linha de continuidade com respeito a estes quatro documentos: as Instruções *Potissimum institutioni* (1990), *A vida fraterna em comunidade* (1994), a Exortação apostólica pós-sinodal *Vita consecrata* (1996) e a Instrução *Repartir de Cristo* (2002). Nos documentos mencionados, assim como o Decreto conciliar *Perfectae Caritatis* são dadas orientações gerais para uma renovação teológica da obediência. Nesta, pelo contrário, considerou-se o lado prático e o desenvolvimento mais completo. Para a Instrução, tanto a autoridade como a obediência estão relacionadas com a busca de Deus e sua vontade. Se não considerarmos este horizonte, as duas atitudes não têm sentido. Segundo esta maneira de considerar, é lógico que não se mencione tanto o “exercício” da autoridade quanto o do “serviço” da autoridade. A autoridade não é algo absoluto, como pode sugerir o termo “exercício”, senão algo relativo a Deus, e com a finalidade específica de servir à comunidade.

A Instrução insiste neste ponto de modo muito claro, seja qual for a forma de praticar a obediência e a autoridade, terá sempre uma peculiar relação com Jesus Cristo, Servo obediente. Por conseguinte, a referência ao Filho e sua obediência ao Pai é algo central no documento, isto se harmoniza muito bem com a sensibilidade dos consagrados de nossos dias. A Instrução propõe-se ajudar a autoridade “*no seu triplo serviço: a cada pessoa chamada a viver a própria consagração (primeira parte); a construir comunidades fraternas (segunda parte); a participar da missão comum (terceira parte)*” (nº 3).

É interessante constatar a insistência em não identificar autoridade com poder, senão com serviço, na mais pura linha evangélica. Valoriza especialmente a liberdade, o diálogo e o discernimento comunitário, como meios para superar a obediência cega. As três listas de serviços que corresponde à autoridade são muito sugestivas e práticas.

## **A OBEDIÊNCIA**

Como se apresenta a obediência na Instrução? Antes de tudo, uma coisa fica bem clara: que a obediência não concerne somente aos súditos, diz respeito também aos que têm nas Comunidades ou nas Províncias o serviço da autoridade. No passado a obediência se reduzia a obediência à autoridade e às normas. Aqui ficava tudo explicado. Falava-se de uma obediência mais ou menos automática, e o ideal de obediência se aproximava à “obediência cega”. Hoje, partimos de uma perspectiva mais ampla, como a de descobrir e seguir a vontade de Deus. Fora desse esquema não se compreende a vida consagrada. Por conseguinte, a pessoa que obedece deve colocar-se à escuta de Deus, bem como aquele que também manda. Cada qual com o seu

ouvido, a partir da missão e de sua responsabilidade. Autoridade e obediência – diz a Instrução nº 12: “*não são, portanto, duas realidades diferentes nem, muito menos, contrapostas, mas duas dimensões da mesma realidade evangélica, do mesmo mistério cristão*”. Entre a obediência e a autoridade tem que haver o diálogo, como um dos meios para encontrar a vontade de Deus como, com freqüência, se afirma ao longo do documento.

Para encontrar a vontade de Deus é preciso saber escutar. No artigo 5, a obediência se apresenta como uma escuta, como a de um filho que escuta seu pai com confiança. “*Escuta, Israel*” (Dt 6, 4), é a fórmula empregada no Antigo Testamento para que o povo escolhido obedeça o Senhor. Quando a criatura humana se coloca à escuta de Deus para descobrir sua vontade, será sempre a decisão mais acertada que toma para alcançar a maturidade. O caminho contrário, “*Quando diz “não” a Deus a pessoa humana compromete o projeto divino e diminui-se a si mesma, destinando-se ao fracasso*” (nº 5). Trata-se, por conseguinte, de crescer no plano humano e espiritual, em harmonia com a vontade de Deus, como Jesus Cristo o fez, eis o sentido profundo da obediência.

Na escuta e busca da vontade de Deus se destaca a obediência à Palavra, que consiste em “*aderir-se a ela*”, porque através dela Deus se revela e se comunica. Daí surge a importância de, cada dia, entrar em contato com a Palavra de Deus. Nela se encontrará a matéria e a motivação de sua obediência. Este encontro sob forma de diálogo de Deus com o ser humano, e da pessoa com Deus, realiza-se em Jesus Cristo, “*modelo de toda obediência*” (nº 8) e a razão de ser da mesma. Com efeito, sua vida, sua entrega e o modelo de sua obediência ao Pai é para todos os consagrados um exemplo admirável e decisivo. Portanto, o seguimento de Jesus Cristo obediente será, na vida consagrada, um sinal claro e inequívoco de fidelidade. A obediência de Jesus Cristo, por conseguinte, é exemplo e caminho da obediência dos consagrados (cf. nº 8).

Um outro aspecto importante e certamente o mais específico da obediência na vida consagrada, é o das mediações humanas. A pessoa é obediente a Deus quando busca e cumpre sua vontade, mas não esqueçamos que a pessoa consagrada engajou-se em encontrá-la através de determinadas mediações. Na realidade, a história da salvação é uma história de mediações. Eis algumas citadas pela Instrução: “*a Regra, os superiores, a comunidade, os sinais dos tempos, as expectativas do povo, sobretudo dos pobres*” (nº 11), as leis, e disposições justas, etc... Para as Filhas da Caridade, a Companhia, a doutrina dos Fundadores, as Constituições serão meios valiosos e imprescindíveis na busca da vontade de Deus. O número 96 das Constituições lembra, por exemplo, que estas são a expressão da vontade de Deus para todas as Filhas da Caridade. A lista de mediações a que se refere a C. 31 se parece muito à que nos oferece a Instrução.

## **A AUTORIDADE**

A Instrução desenvolve muito mais o conceito da autoridade do que o da obediência. E não é estranho, pois, a autoridade concerne todas as dimensões da vida consagrada. A obediência também, embora a autoridade tenha mais implicações comunitárias. Por outro lado, a Instrução reconhece que houve uma mudança no modo de perceber e viver a autoridade e a obediência, por causa dos fatores enumerados no artigo 3: tomada de consciência muito forte do valor da pessoa e de sua dignidade, a importância da “*espiritualidade de comunhão*” e uma nova maneira de conceber a missão, menos individualista e em maior colaboração com os leigos.

A Instrução fala do “*serviço da autoridade*”. As Constituições utilizam essa mesma linguagem (cf. C. 31b). Em que consiste este serviço? No número 1 é dada a seguinte definição concentrada: o serviço da autoridade consiste em ser sinal de unidade e guia na busca e realização da vontade de Deus. A partir desta definição, a Instrução nos oferece uma reflexão

sobre a autoridade em cada uma das dimensões clássicas da vida consagrada: consagração, comunhão e missão.

## **1. AUTORIDADE E CONSAGRAÇÃO**

No número 13 se diz que a autoridade é, antes de tudo, autoridade espiritual, no sentido mais amplo da palavra. Isto é, a autoridade se coloca a serviço do Espírito Santo, converte-se em instrumento dócil para que Ele realize nas Irmãs sua ação santificadora, segundo o projeto carismático inspirado aos Fundadores.

São Vicente nos faz ver a importância da vida espiritual quando assegura que “*é necessário a vida interior, deve-se procurá-la. Se ela falta, falta tudo*” (Coste XII, página 131). Parece necessário alicerçar a vida em convicções evangélicas sólidas. Na falta dela, encontra-se a raiz de muitos problemas comunitários e do sentido da vida. Alicerçar a vida no Evangelho significa que este se converta num ponto de referência insubstituível para motivar, dirigir e julgar o próprio comportamento. Nada mais e nada menos. A partir daí brotarão, espontaneamente, as atitudes do perdão, a conversão e uma vida toda doada ao serviço dos pobres. Para animar toda esta vida espiritual, a Visitadora com o seu Conselho, o Diretor e a Irmã Servente contam com todos os meios que oferecem as Constituições (cf. C. 19-23). Pois bem, segundo a Instrução, a autoridade não poderá promover a vida espiritual se, previamente, não a cultivou ela mesma, através da oração e o aprofundamento da Palavra de Deus (cf. nº 13). Uma vida de oração sem fervor pode levar a autoridade a centralizar todos seus esforços na administração, deixando em, segundo plano, aspectos que são primordiais.

Sobre a autoridade, nesta primeira dimensão, destaca-se também que a primeira obediente na vida consagrada deve ser ela, porque tem como missão ser fiel à vontade divina para poder viver em atitude e com espírito de serviço. É importante que a autoridade se mantenha num estado de humilde busca de Deus, e que sua maneira de agir nunca deixe dúvidas de que é Deus e sua vontade que a movem (cf. nº 12). Porque quando as Irmãs percebem na autoridade um eco da voz de Deus, então a obediência que “*mesmo nas melhores condições, não é fácil*” (nº 21), é vivenciada com mais facilidade.

### **Algumas ações prioritárias no serviço da autoridade (cf. nº 13):**

De uma maneira ou de outra, todas elas são orientadas para manter viva em sua vocação a pessoa e a comunidade. As Visitadoras, as Irmãs Serventes assim como os Diretores farão bem questionar-se sempre sobre de que maneira concreta lhes concerne a cada um, uma dessas propostas de ação. A Instrução enumera as seguintes: “A autoridade é chamada a garantir à sua comunidade o tempo e a qualidade da oração; A autoridade é chamada a promover a dignidade das pessoas; A autoridade é chamada a infundir coragem e esperança nas dificuldades; A autoridade é chamada a manter vivo o carisma da própria família religiosa; a autoridade é chamada a acompanhar no caminho da formação permanente”. (Ver a explicação que dá o nº 13 sobre cada uma dessas ações).

## **2. AUTORIDADE E VIDA FRATERNA**

Nesta segunda parte, a Instrução parte dessas duas afirmações: “*a vida fraterna em comunidade é, com efeito, um elemento constitutivo da vida religiosa*” (nº 16). Segunda: “*não pode haver comunidade significativa sem o amor fraterno*”. Estas duas afirmações (necessidade da vida fraterna e esta chamada a viver segundo o mandamento do amor) assinalam bem a importância da autoridade. Ela está a serviço da comunidade, a imitação de Jesus Cristo que lavou os pés de seus discípulos para que, por sua vez, se coloquem a serviço do Reino (cf. Jo 13, 1-17). Pois bem, a construção da comunidade, a autoridade não a pode fazer sozinha: ela

deve realizá-la em união com as pessoas que lhe foram confiadas. Encontramos aí um apelo à co-responsabilidade que se faz ao longo de todo o documento e mais concretamente no nº 20b. Sem a mediação da autoridade, os diversos membros de uma comunidade, no seu desejo de buscar a vontade de Deus, podem dispersar-se com buscas tão diferentes, que terminariam por fragmentar a comunidade (cf. nº 18). Falando de outra maneira, se não existir a autoridade numa comunidade, esta se desagrega e termina desaparecendo.

Parece lógico que, dentro do capítulo da vida comunitária, se fale de uma “espiritualidade de comunhão” e de uma “santidade comunitária”. A Instrução trata sobre os dois temas no nº 19. De uma “espiritualidade de comunhão” pode-se e se deve esperar a “santidade comunitária”. Nos documentos da Igreja não se fala muito; porém, se enfatiza mais a santidade pessoal ou individual. Nos últimos 30 anos, com o aparecimento do projeto comunitário, as comunidades se perguntam o que fazer para se aproximar mais ao próprio carisma. Eis aqui uma maneira de questionar-se sobre a santidade comunitária. E, a partir dessa santidade comunitária, poder-se-á oferecer ao mundo um grande testemunho cristão (cf. nº 19). O testemunho cristão, hoje, é muito mais forte do que o testemunho pessoal. João Paulo II o disse, mui claramente, aos membros da Assembléia Geral de 1985: *“Se o testemunho individual tem o seu valor, a comunidade religiosa aumenta singularmente a superfície do testemunho evangélico, multiplica o seu poder de impacto”*.

No documento há uma chamada de atenção para não fazer da autoridade um proveito pessoal que se pode traduzir em se fazer notar ou se afirmar para se fazer servir, ou utilizar a autoridade para o próprio benefício. Este risco pode vir da influência da autoridade na sociedade civil, porém, este modelo está bem longe do modelo evangélico. A Instrução termina esta reflexão lembrando (Mt 20, 27-28): *“aquele que quer ser o primeiro, que seja vosso escravo, como o fez o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas, para servir e dar a vida em resgate de muitos”*. Quando a obediência percebe a autoridade como serva (Irmã Servente ou Visitadora), se torna mais fácil obedecer (cf. nº 21). Parece-me que esta idéia é bem justa e, além de tudo, muito prática. A obediência é sempre muito difícil. Trata-se, pois, de não a tornar ainda mais.

### **Papel da autoridade no crescimento da fraternidade (cf. nº 20).**

Como no ponto anterior, a Instrução apresente uma série de ações que a autoridade pode e deve realizar, e cujo objeto é o crescimento da vida fraterna, claro, sem esquecer que sob o termo “comunidade” existem pessoas concretas que requerem atenção. Como muito importante, destaque: *“O serviço de escuta”*. A autoridade, seja Irmã Servente, Visitadora (e Conselho), Diretor, todos devem, especialmente, cuidar desse serviço de acompanhamento, na escuta. Deverão sempre ter tempo para ele. Nunca considerarão a escuta como tempo perdido, senão como um tempo bem empregado, nos adverte a Instrução. E, junto a ela, outra ação importante é o *“Discernimento comunitário”*. Em nossos tempos, o discernimento adquiriu uma importância primordial, se levarmos em consideração a dificuldade que representa a percepção da vontade de Deus, neste nosso mundo tão complexo. Os valores e contra-valores sociais coexistem e nem sempre são facilmente distinguidos. Teillard de Chardin dizia que o encontro com a vontade de Deus só é assegurado, não no começo do esforço humano, mas, sim, no final. A Instrução assinala algumas atitudes imprescindíveis para poder discernir: atenção aos sinais dos tempos, estar livre de prejuízos, determinação para não querer buscar outra coisa senão a vontade de Deus, saber escutar os irmãos... O discernimento não anula a autoridade, à qual está reservada a decisão final. O documento apresenta outras ações: *“A criação de um clima favorável ao diálogo, à partilha e à co-responsabilidade; A participação e a co-responsabilidade; A solicitação da contribuição de todos com as coisas que são de todos; A autoridade a serviço de cada um e da comunidade; A obediência fraterna”*. (Ver a explicação que é dada de cada uma delas no nº 20).

### 3. AUTORIDADE E MISSÃO

Desde o ponto de vista bíblico, missão e obediência estão intimamente ligadas. Pode-se ver nos Evangelhos, quando Jesus se apresenta como “o enviado pelo Pai para fazer a sua vontade” (cf. Jo 5, 36-38; 6, 38-40). Desde esta perspectiva bíblica, a Instrução sustenta que “é impossível pensar em missão se ela não estiver relacionada com a obediência” nº 23. O sentido da missão, sem dúvida alguma, favorece a obediência, e a obediência abre à missão, enquanto se busca fazer o que Deus quer que se faça (cf. nº 24). A celebração do envio, realizada depois do Seminário, tem sua importância como lembrança e confirmação de que o serviço recomendado é uma verdadeira missão, proposta pelo próprio Senhor. Cada ano se deveria lembrar a todas as Filhas da Caridade, através, por exemplo, de uma celebração, que o seu serviço é uma missão, e que todos os membros da Comunidade foram enviados por Deus. Este sentido forte de missão facilita a compreensão e o apreço de outros muitos valores vicentinos, como podem ser a disponibilidade e a missão comum.

A autoridade, além da animação comunitária, tem o papel de coordenar os diferentes serviços que são realizados na comunidade, respeitando sempre os papéis e as responsabilidades. A autoridade não pode nem deve fazer tudo, porém, ela é, realmente, a última responsável pela missão da Comunidade. É claro que sempre deverá respeitar as responsabilidades assumidas por cada uma das Irmãs (cf. nº 25). Neste mesmo número 25 nos é apresentada a evolução que, nestes últimos anos, experimentou a autoridade com relação à missão da Comunidade: “No passado, o risco podia vir de uma autoridade que se orientava, na maioria das vezes, pela gestão de obras, com o perigo de deixar de lado as pessoas; hoje, o risco pode vir do excessivo temor, por parte da autoridade, de melindrar suscetibilidades pessoais, ou de uma fragmentação de competências e responsabilidades que enfraquece a convergência em direção ao objetivo comum e dilui a própria função da autoridade” (nº 25).

#### **Tarefas que se espera da autoridade nesta terceira dimensão da missão.**

Todas elas são interessantes para motivar o serviço, para conseguir o equilíbrio desejado entre reunião e dispersão, comunidade e serviço, para promover a missão comum. Talvez todas as ações que assinala o nº 25 devem ser realizadas na “reflexão apostólica”, que é um dos dinamismos mais apropriados dos que dispõe a Companhia para fazer avançar a animação na missão (cf. E. 11). (A explicação pode ser lida no nº 25).

#### **TRÊS SITUAÇÕES POSSÍVEIS**

São três as situações, mais ou menos delicadas, que podem acontecer na vida consagrada. A Instrução as apresenta dentro do capítulo da missão. Talvez seja nesse contexto onde podem aparecer com mais facilidade, porém, podem também existir na convivência comunitária.

##### **“As obediências difíceis” (cf. nº 26).**

Entende-se por obediências difíceis quando a um consagrado lhe é pedido que renuncie suas próprias idéias e projetos. Neste momento, a obediência pode experimentar uma rejeição à autoridade. Deve-se reconhecer que certa afeição às idéias e convicções pessoais, é lógica e normal. Por conseguinte, é bom tratar de defendê-las e levá-las adiante num diálogo aberto e construtivo, mas, não se deve esquecer que nosso modelo é Jesus Cristo que, na sua Paixão, pediu a Deus cumprir a vontade de seu Pai sem retroceder diante da morte (cf. Hb 5, 7-9). Nestes casos, a obediência se converte em um supremo ato de liberdade e numa imitação de Jesus Cristo obediente ao Pai até a morte na Cruz.

### **“Obediência e objeção de consciência”** (cf. nº 27).

O problema pode apresentar-se nestes termos: pode haver situações em que a consciência pessoal não permita a um consagrado seguir as indicações dadas pela autoridade? O que se pode dizer? Certamente, a consciência é a norma última de moralidade para qualquer cristão, porém, se deve dizer também que qualquer voz não é forçosamente a voz de Deus. É necessário consultar outras pessoas, entre outras a autoridade, fazer o discernimento na oração, para se assegurar qual é o querer de Deus. Fechar-se unicamente em sua própria apreciação pode fazer cair em um subjetivismo que deforme a realidade. Recorrer às mediações garante sempre a busca objetiva de Deus. A Instrução responde assim a questão proposta: *“A pessoa consagrada deverá, portanto, refletir longamente antes de concluir que o que percebe dentro de si representa a vontade de Deus e não assim a obediência recebida. Deverá recordar, igualmente, que a lei da mediação se há de levar em conta em todos os casos, cuidando-se de tomar decisões graves sem algum confronto ou verificação. Permanece certamente indiscutível que o que interessa é chegar a conhecer e a cumprir a vontade de Deus, mas, da mesma forma, deveria ser indiscutível que a pessoa consagrada se tenha comprometido, com um voto, a reconhecer esta santa vontade através de determinadas mediações. Dizer que o que vale é a vontade de Deus, e não as mediações, rejeitá-las ou aceitá-las apenas quando agradam, pode tirar significado ao próprio voto e esvaziar a própria vida de uma essencial característica sua”* (nº 27).

### **“A autoridade difícil”** (cf. nº 28).

A instrução se refere às situações onde a autoridade é confrontada a resistências de alguns membros de sua comunidade, ou diante dos problemas comunitários insolúveis. A tentação da autoridade pode ser de se inibir e de tornar *“administrador da rotina”*, sem coragem para intervir e recordar as motivações e os objetivos da comunidade. O que fazer em situações semelhantes? Será bom escutar as palavras de São Paulo uma vez mais: *“Sede alegres na esperança, fortes na tribulação, perseverantes na oração, mostrai-vos solidários com os santos em suas necessidades”* (Rm 12,12-13a). *“O silencioso esforço interior que acompanha a fidelidade à própria missão, marcado quiçá pela solidão e pela incompreensão daqueles aos quais se serve, converte-se em caminho de santificação pessoal e mediação de salvação para as pessoas por cuja causa se sofre”* (nº 28).

## **CONCLUSÃO**

Depois de ter lido e estudado atentamente a Instrução, a primeira coisa que quero sublinhar é a importância que tem o serviço da autoridade, quer se chame Visitadora (com o seu Conselho) ou Irmã Servente (com o seu). É a conclusão que eu tiro depois de ter refletido sobre a bela missão que a autoridade desempenha no meio da Comunidade: ser a memória viva do carisma, animação pessoal e grupal, inspiração e coordenação do discernimento apostólico, e a voz última que indica o sentido da caminhada. Verdadeiramente, não pode existir uma Comunidade se falta a autoridade. Pode-se dizer o mesmo da Visitadora, pelo que se refere à Província.

São Vicente comparava os superiores com os pilotos capazes de levar o navio ao porto seguro (cf. Coste X, pág. 262). A imagem nos pode levar a pensar que seu conceito de autoridade era vertical, como correspondia na época, porém, nos faz compreender também que *sem* o piloto o navio não chega ao porto, e *sem* a autoridade a Comunidade ou a Província tampouco chegará muito longe. As Constituições apresentam desta maneira o ofício da Irmã Servente: *“Anima e dirige a Comunidade local, mantendo sua coesão. Une-a à Companhia e à Igreja; é responsável com suas Irmãs pela realização de sua missão comum”* (C. 82). Com parecidos termos a C. 73 se expressa para aquelas que têm a autoridade sobre a Província.



Para o serviço de Irmã Servente, faz falta uma formação adequada. São Vicente já o dizia: “*A Irmã Servente deve conhecer bem tudo o que se refere ao seu ofício*”. Muitas Províncias organizam cursos e sessões para preparar as novas Irmãs Serventes. Creio que todas reúnem a suas Irmãs Serventes uma ou duas vezes no ano, para um encontro de formação. Parece-me que estas iniciativas são úteis e necessárias. Pois bem, existem coisas que não se aprendem numa sessão e que são fundamentais para exercer o ofício de Irmã Servente, como podem ser a capacidade de diálogo, a escuta, o saber informar, a busca comum e o saber estar presente no meio de suas Irmãs.

Às vezes os problemas de obediência têm muito a ver com a maneira de exercer a autoridade; ou porque a Irmã Servente tem atitudes de autoritarismo, ou porque deixa a autoridade de lado. Saber exercer a autoridade com equilíbrio e medida, nem sempre é fácil e, não obstante, é muito necessário.

Quero voltar sobre uma expressão que as Constituições utilizam ao apresentar o ofício de Irmã Servente. Esta é “*responsável com suas Irmãs*”. Já falamos suficientemente que sem Irmã Servente não é possível existir a Comunidade. Mas, a Irmã Servente nada poderá fazer se não encontra apoio e não for secundada por suas Irmãs de Comunidade. Este sentido co-responsável está muito presente na Instrução e muito assinalado nas Constituições. A Comunidade se apóia nesta interatividade, que deve chegar até preocupar-se também pelas necessidades de sua Irmã Servente. Esta, assim como a Visitadora, não são nenhuma super-pessoa que não necessitem nada das outras. Se a Irmã Servente se ocupa de suas Irmãs, é lógico que estas também se preocupem com ela. Esta reciprocidade nada tem que ver com apagar os papéis e os ofícios comunitários, senão com o mandamento novo do amor. A co-responsabilidade deverá levar à Comunidade a animar e a completar as deficiências que possa ter a Irmã Servente. E, se for necessário, corrigi-la sempre, através de um diálogo respeitoso e fraterno. Será este o sinal de que a comunidade alcançou a devida maturidade.

Digamos algo sobre a obediência. A Instrução fez uma apresentação dela muito justa e muito equilibrada, a partir de *Perfectae Caritatis* - nº 14, e *Vita Consecrata*. Hoje as dificuldades na obediência não vêm, em geral, da confrontação, de maneiras diferentes de compreender a missão; ou de mentalidades contrapostas que geram debates no seio da comunidade e que estes podem terminar em divisões e inclusive em desobediências formais. Toda esta problemática correspondeu a épocas passadas. Hoje os atentados contra a obediência vêm do individualismo, dos projetos pessoais aos que se submete tudo, incluindo o projeto da comunidade, as adesões parciais à Companhia, à Província ou à Comunidade. Algo de tudo isso se encontra apontado no nº 3 do documento e, ao mesmo tempo, afirma-se que a influência cultural é um fator que facilitou o aparecimento desta mentalidade. A busca da realização pessoal e o bem-estar pessoal à custa de seja o que for, são outras manifestações que nos enviam à mesma realidade: o pessoal se situa por cima do comunitário. Assim sendo, a finalidade da comunidade fica, pouco a pouco, estagnada e a missão comum cada vez mais complicada. A formação permanente pode ajudar a recuperar o equilíbrio entre sujeito e comunidade e, portanto, entre autoridade e obediência. Parece-me fundamental colocar bem as bases na formação inicial, para depois levantar, com harmonia, todo o edifício de uma vida consagrada.

Creio que vale a pena estudar esta Instrução em comunidade e, a partir dela, fazer alguns intercâmbios sobre autoridade - obediência. Parece-me que os números correspondentes às tarefas próprias da autoridade podem ser especialmente interessantes e práticos. Refiro-me aos números 13, 20 e 25.

Padre Javier Álvarez, C.M.  
Diretor Geral

## Autoridade da Igreja, autoridade na Igreja

Notas tomadas durante a palestra de Dom Beau na Sessão de formação da equipe pastoral da Capela.

O tema que vocês me propuseram, primeiramente me surpreendeu, depois, pensei que este nos ajudaria a contemplar o próprio conteúdo do Evangelho de ontem: “Quem é este homem que fala com autoridade e até os espíritos lhe obedecem?” De que autoridade se trata quando Cristo fala com autoridade e que o possesso da sinagoga de Cafarnaum foi libertado no dia de Sábado? Antes de falar da autoridade da Igreja ou de autoridade na Igreja convém se perguntar o que é a Igreja ou antes quem é a Igreja?

Nosso olhar sobre a Igreja e sobre a autoridade é falsificado se a tomamos como uma estrutura associativa, de funcionamento hierárquico. A pergunta: “quem é a Igreja?” nos leva ao lugar do sacramento da Ordem na Igreja. O Padre, o Diácono, o Bispo são os delegados de uma comunidade, de um grupo ou o sacramento da Ordem institui um outro tipo de relação? Para poder responder à questão da autoridade, estamos diante da questão da identidade da Igreja e o sacramento da Ordem no interior da Igreja.

A maioria das pessoas com quem nós nos encontramos faz a distinção entre a Igreja que tem sua Fonte no Cristo e o “pessoal” da Igreja. A Pessoa da Igreja é distinta do pessoal: de um lado a Igreja una, santa, católica e apostólica e do outro, os Bispos, os Padres, os Diáconos, os consagrados etc. Em escritos conhecidos do século XX, vimos como esta distinção poderia ser um risco e não trabalha bem a questão da identidade da Igreja.

### **O que o Evangelho nos fala da Igreja?**

Ela é apresentada sob a forma de três parábolas, o corpo, a videira e o vínculo esponsal, esposo/esposa. É a partir destas três dimensões que é necessário retomar a questão da identidade da Igreja. Num segundo tempo, veremos o lugar do sacramento da Ordem. Em seguida nos faremos a pergunta sobre a natureza da autoridade da Igreja ou na Igreja e veremos qual é a relação do Cristo com esta autoridade, qual a relação de cada batizado, qualquer que seja sua função na Igreja, com esta autoridade e como esta pode ser exercida verdadeiramente.

#### **1. QUEM É A IGREJA?**

##### ***A Igreja, Corpo do Cristo***

Sabemos bem a significação desta imagem, a cabeça não pode ser dissociada do corpo e o corpo vive da graça da cabeça. O corpo de Cristo que é a Igreja vive a graça do “Cristo cabeça”, coração e fonte da Igreja ao mesmo tempo. Cristo não precisa da Igreja, mas Ele quis a Igreja. Vocês reconhecem uma maneira de interpretar a frase do Concílio: “*O homem é o único ser que foi querido gratuitamente por Deus*”, ele é amado gratuitamente pelo que é, como homem. A Igreja em seu vínculo de corpo do “Cristo cabeça” é amado por ela mesma, livremente, por Deus sem outra finalidade que este amor gratuito. Primeiramente, estamos nesta

relação de amor gratuito, a Igreja não correspondeu a uma necessidade vital por Deus. É um ato da gratuidade do amor, como a criação do homem é um ato da gratuidade do amor.

Tudo o que é vivido no corpo vem da cabeça e nos faz pouco a pouco participar da personalidade do Cristo que é comunicada ao mundo inteiro, como uma extensão. Cristo se fez homem para que o homem pudesse ser participante de sua natureza divina. Há na realidade divina da Igreja, a participação, pela encarnação da natureza divina à nossa natureza humana.

A Igreja não pode ser vista como uma instituição humana, mas como uma criação divina no meio do mundo. Quando se afirma que a Igreja é o corpo de Cristo, estamos no meio deste jogo, no centro mesmo da encarnação. Deus se fez homem para que o homem se tornasse Deus. A glória de Deus é o homem vivo que vê Deus. Estamos nesta dimensão de reciprocidade gratuita entre Deus e o homem. Participamos da natureza divina por pura graça.

Esta participação à graça é a maneira como recebemos a vida de Deus. Cada membro da Igreja encontra sua dimensão divina recebendo a Vida através dos sacramentos. O “Cristo cabeça” dá sua vida ao corpo da Igreja que nos leva a entrar nesta permuta, centro da encarnação, pela força dos sacramentos. “*Eu vim para que tenhais a vida em plenitude*” nos diz Jesus no Evangelho de São João. Esta vida divina no centro mesmo da realidade divina da “Igreja corpo” encontra seu sentido no interior da vida sacramental. Assim a Igreja pode expressar, sentir, perceber a vontade Deus no coração da humanidade peregrina. Esta dimensão do corpo pode também se articular na multidão dos ministérios, a complementaridade e a unidade.

### ***A Igreja, Videira***

Esta imagem nos fala da unidade profunda entre Cristo e a Igreja e o quanto Cristo está presente na Igreja. Esta parábola nos fala de maneira muito forte da relação indissociável entre Cristo e a Igreja, é um vínculo de vida. O ramo da videira que se corta da cepa perde sua vida. Como compreender esta unidade? A melhor passagem do Evangelho que pode nos fazer compreender isto é a de Maria ao pé da Cruz com o discípulo amado que vêem verter o sangue do Cristo e a água. É o momento do nascimento da Igreja em sua identidade divina, neste lado transpassado, podemos ver o centro desta unidade vital entre Deus e o homem, entre a Igreja e o Cristo. “*O Espírito, a água e o sangue testemunham*”, unidade dos três testemunham este único amor divino e humano.

A parábola da videira nos lembra, como Bento XVI fala em sua Encíclica *Deus é amor*, que não podemos dissociar o amor humano de um lado e do outro o amor divino. Há apenas uma única fonte do amor, é o amor que vem de Deus. A primeira parte desta Encíclica nos faz perceber e, é libertador para nossa sociedade contemporânea, como orientar todo o poder apaixonado do homem, não em uma frustração deixando lugar a um amor divino, mas para um amor divino de forma que tudo o que faz nossa humanidade se torne a expressão do amor de Deus crescendo. Há uma unidade entre o amor divino e o amor humano, é no centro de nossa humanidade que se fala do amor de Deus, assim como é no meio da Igreja formada de homens e de mulheres que se fala do poder do amor de Deus.

A grandeza de nosso Deus se situa na questão da eleição divina: dar ao homem o poder de falar de Deus pelo que ele é. É extraordinário. Deus invisível se torna visível na pessoa do homem, na história dos homens, na pessoa de Abraão, no rosto da Igreja. Este rosto, como o de todo membro da Igreja, é o ícone da realidade invisível de Deus, não somente os consagrados, mas todo o povo de Deus. Cada um tem e é a expressão desta realidade divina, é nossa vocação: nossa vida humana diária se torna o Evangelho encarnado que se inscreve na história dos homens pela qual o Evangelho de Cristo e a face do Pai se tornam visíveis (2ª epístola aos

Coríntios). Aqui está a imagem da videira, desta contemplação do Espírito, da água e do sangue que dão testemunho na unidade.

Estamos aqui diante de dois apelos, com este vínculo à Igreja. Eis a responsabilidade do homem: tornar visível a identidade de Deus. A unidade entre a cabeça e o corpo faz com que cada um, pelo que é, expresse não apenas uma realidade humana, mas divina, a identidade divina da Igreja. Cada um tem a responsabilidade de tornar visível Aquele que é invisível, é o que contemplamos na parábola da videira.

### ***A Igreja e o Cristo, Esposo/Esposa***

As Virgens consagradas testemunham este vínculo extremamente forte: seu ministério de esposa de Cristo e sua relação com o Bispo nos falam do “Cristo Esposo” que vem se unir a sua esposa. Isto significa que a Igreja é uma pessoa que o Senhor amou e por quem Ele se entregou. Entregando-se pela Igreja (não há fronteira entre a Igreja e o resto do mundo), Ele se entregou à Igreja para ser entregue ao mundo: relação com universalidade e à missão. Não somos os proprietários deste dom de amor; “a Igreja Esposa” não é dona do dom do esposo. Ela deve colocar no vaso do mundo a superabundância deste amor que ela não cessa de viver, que a torna unida ao “Cristo Esposo”. É o movimento da Igreja. O perigo é que a Igreja esqueça que a superabundância da caridade é dada não para ela, mas para o mundo, para que esta caridade possa irradiar largamente além das fronteiras da Igreja.

Nesta relação sponsal, vocês reconhecem a questão da eucaristia: “*Eis o meu Corpo entregue por vós*”. Percebemos este dom sponsal quando participamos do sacramento do matrimônio na troca de consentimentos. “*Eu me dou a ti e eu te recebo para te amar ao longo de nossa vida*”. O vínculo sponsal do casal, este dom total é a imagem, a expressão visível da relação de Cristo e da Igreja: “*Isto é meu Corpo entregue por vós*”. O sacramento do matrimônio é uma das expressões visíveis do que celebramos a cada Eucaristia, o que Cristo faz pela Igreja em cada Eucaristia, o casal é o ícone e a manifestação desta, e a realiza no interior da troca dos consentimentos.

Existe um face a face, um olhar mútuo entre o Cristo e a Igreja. Este dom total se realiza de maneira muito forte na cruz. Sobre a cruz, é o dom total para toda a humanidade, isto nos revela um segundo aspecto da identidade da Igreja: a desapropriação do amor. Em latim, há várias maneiras de dizer *amar*. Quando Santo Agostinho diz: “*Ama e fazes o que tu queres*”, ele não usa *amare*, mas a palavra desapropriação, o dom de si mesmo. A identidade da Igreja, Corpo de Cristo, é que a Igreja não se apropria do amor de Cristo, mas que ela aceita de se desapropriar deste para o mundo, daí a importância da caridade no meio do mundo: caridade gratuita que revela a gratidão do amor abnegado de Deus, dom de si mesmo, identidade de Cristo na cruz. A relação da Igreja com o mundo é a imagem da relação de Cristo com a Igreja, no vínculo sponsal de Deus com sua Igreja. Nem sempre é simples viver. Isto exige que nossa relação com o mundo esteja enraizada nesta forte concepção da caridade. Esta relação entre o Cristo e a Igreja estrutura a nossa relação de Igreja no mundo.

A identidade divina da Igreja não é a de uma Associação. Às vezes me pergunto se a Igreja não é considerada como uma simples Associação, uma estrutura humana: alguns seriam Padres por desejo e não por vocação. “Igreja, lugar de carreira”, eis o que se pensa. Portanto, é importante fundamentar a questão da autoridade sobre a da identidade da Igreja.

## **2. O SACRAMENTO DA ORDEM**

Agora vejamos como esta autoridade vai poder ser exercida. Esta questão se refere primeiramente ao Bispo e nos leva ao que Cristo diz dos Apóstolos. A resposta se encontra aí,

os Bispos, sucessores dos Apóstolos, encontram sua missão, sua função no que Cristo diz dos Apóstolos. É o método de trabalho que o Concílio nos ensinou: o estudo da Escritura é a alma da teologia. Não se trata de fazer um tratado sobre o episcopado ou sobre o sacramento da Ordem, mas de ir ver na Escritura e na Tradição o que é dito sobre o ministério do Apóstolo.

## **O BISPO, CHAMADO À OBEDIÊNCIA PARA COM O SOBERANO PONTÍFICE, ESTÁ A SERVIÇO DA COMUNHÃO DE TODA A IGREJA**

### ***O serviço da unidade***

O serviço do episcopado o permite estar em comunhão com o sucessor de Pedro e ser responsável por esta comunhão. Todos nós devemos estar a serviço da unidade, da comunhão. A autoridade na Igreja encontra sua força no fato de que o povo dos batizados, que forma a Igreja, é um povo de ressuscitados: *“todos vós que estais mergulhados na morte, sois ressuscitados em Cristo Jesus”*. O Corpo do Cristo que é a Igreja já possui a identidade divina, já vivemos do que esperamos no último dia. É a essência da esperança da Igreja: ser “um” em Deus, *“Peço-te Pai, que eles sejam um, como tu, ó Pai, és em mim, e eu em ti”* (Jo 17): ser reunido na unidade de Deus, Pai, Filho e Espírito Santo na vida eterna. Vivemos os sinais e, mais tarde, vivemos isto em plenitude.

Este serviço da unidade não é só se entender com seu próximo. Para que esta unidade seja levada na verdade, é necessário que ela se expresse na caridade. Ela é a imagem da unidade querida e a realizada na terra pela oração de Cristo a seu Pai. Eis o ministério da unidade. Este serviço da realização da oração de Cristo a seu Pai pelo serviço da comunhão encontra toda sua força nos vínculos que nós tecemos. Logo, não se trata de um sistema de boa compreensão e de fuga dos conflitos, mas de estar ao serviço da verdade desta unidade que é a identidade de Cristo.

A autoridade da Igreja manifesta a Salvação dada pelo Cristo e exige a relação à verdade e à caridade para que a unidade seja real e não simplesmente uma boa maneira de esconder os conflitos e os pensamentos de cada um. *“Que eles sejam um, como tu, ó Pai, és em mim, e eu em ti”*, eis o ministério da unidade.

### ***O serviço do governo***

*“Cristo deu aos seus Apóstolos a ordem e o poder de ensinar a todas as nações, de santificar os homens na verdade e de guiar o rebanho. Também, pelo Espírito Santo que lhes foi dado, os Bispos são constituídos em verdadeiros e autênticos mestres da fé, pontífices e pastores”*.

Vocês não escolhem seus Bispos, não é a escolha de uma comunidade, mas a nomeação do Santo Padre, como os paroquianos não escolhem o seu vigário embora eles tenham algumas idéias sobre este assunto! Isto significa que, pelo sacramento da Ordem, nossa vida está sempre diante de um amor que nos precede e nos chama. A vida do homem é uma vocação. Nada é mais libertador na fé que descobrir que nós construímos nossa vida, mas também preferimos ser escolhidos por Alguém, ser entregue a Alguém que escreve nossa vida enquanto não cessamos de querer escrevê-la dia após dia.

Há muitos movimentos contraditórios em nossos corações; quando nos pedem para ir lá onde não tínhamos pensado, podemos sempre dizer que o superior está enganado, mas não é talvez a boa resposta. A boa resposta é que nossa vida é entregue ao Cristo, é uma vocação. Nossa vida se inscreve na medida em que deixamos este amor escrevê-la e quando acolhemos a

realidade da Igreja, até em seus membros que estão a serviço de seu governo. É preciso, pois, aceitar ver no apelo que nos é feito – mesmo se não é aquilo que pensávamos – a realidade de Deus que conhece e escreve a história dos homens e que realiza seu desejo de maneira misteriosa na Igreja.

Isto exige a desapropriação de seu olhar sobre seu próprio itinerário. Não significa que não é necessário esclarecer seus superiores. É fundamental dizer o que é preciso, mas a contingência dos acontecimentos e o discernimento fazem com que, se é outra decisão, é preciso aceitar com amor e não a contra-gosto. Trata-se de se lançar totalmente na realidade divina da Igreja que passa através de seus membros, na realidade dos sacramentos que constituem a unidade do Corpo, e reconhecer que Deus realiza seus desígnios nos apelos mais concretos que podemos receber.

Por que a Arca da Aliança passou por este caminho para ir a Jerusalém? Não havia outro caminho possível. Deus quis este caminho, mas nós, com nosso espírito de geógrafo, teríamos passado a outro lugar. Aquele que segue o caminho de Deus não é obrigado a tomar um caminho impossível, ele o toma com a contingência das situações materiais às quais nós somos confrontadas, tentando esclarecer melhor este caminho como vindo de Deus que fala diariamente. Aqui está como a vida é organizada pelo serviço do governo.

### ***O serviço da santificação***

Há aqui toda a dimensão dos sacramentos dentre os quais o sacramento da Reconciliação. Proclamamos que três estão sem pecado: Cristo, a Virgem Maria e a Igreja. É nossa fé. Alguns reagem quando se fala da Igreja sem pecado porque todos aqueles que formam a Igreja são pecadores. Como podemos proclamar uma Igreja Santa enquanto que eu sou pecador? A mesma coisa para viver a obediência aos seus Superiores, ao Bispo, ao Vigário que são pecadores.

Uma Igreja sem pecado, formada de pecadores, é a realidade que forma nosso amor pela Igreja. Para que a relação autoridade/obediência, comunhão/unidade possa encontrar sua dimensão, este vínculo poderoso de amor é essencial, não se obedece sem amor; obedecer sem amor, é desobedecer. Não é complicado amar, é um mandamento, não é uma escolha do coração, não nos surpreendamos que muitos casais se separam. Se o amor não for um mandamento que se inscreva numa obediência de amor, se for apenas uma escolha do sentimento, este flutua.

Para compreender esta relação entre a Igreja sem pecado e a Igreja formada de pecadores, é preciso olhar para Cristo sem pecado saindo das águas do Jordão carregando sobre si o pecado do mundo. São Paulo tem esta frase terrível: *“Ele se fez pecador por nós, ele que é sem pecado”*. Isto nos faz compreender alguma coisa desta Igreja Santa, imaculada, sem pecado, que se fez pecadora por nós como Cristo sem pecado carrega o pecado da humanidade. Assim a Igreja sem pecado carrega o pecado dos homens, dos batizados que formam e constituem o corpo.

Jacques Maritain, na *Igreja de Cristo*, fala da fronteira que atravessa o homem e une a parte inocente e imaculada que nós somos em Deus como imagem e semelhança de Deus que nos carrega, nós, pecadores. Esta fronteira da Igreja santa, imaculada, carregando o pecado de seus membros atravessa cada uma de nossas humanidades, nossas personalidades: um corpo de graça carrega nosso corpo de desgraça.

### **NESSE CASO, QUE AUTORIDADE?**

Podemos considerá-la sob o ângulo da absolvição, pois, trata-se bem da autoridade de Cristo: *“tudo o que ligares na terra será ligado nos Céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos Céus”*. E o Padre diz: *“E eu, pelo ministério que me é confiado, eu perdoos todos os teus pecados”*. Há um ato de autoridade que salva, perdoa e nos dá a possibilidade de sermos reintegrados na plenitude da comunhão deste Corpo santo e imaculado. Esta palavra de absolvição manifesta uma outra autoridade. A autoridade da Igreja, é a autoridade do Cristo na que se dá nos sacramentos e age em todo batizado. Há um “antes” o sacramento recebido e um “depois”, pois, alguma coisa se realiza em nossa história. É uma palavra de absolvição que salva: *“Levanta-te, pega a tua cama e anda...”* *“Então o espírito saiu do possesso de Cafarnaum, as pessoas se perguntam: “Quem é este homem que fala com autoridade?”*”.

### **Trata-se de qual autoridade?**

Trata-se da autoridade do poder recriador de Deus, do ato da Palavra criadora de Deus; quando Deus diz, Deus faz: *“Faça-se a luz e luz foi feita”*. Esta Palavra-Ação de Deus é a Palavra de Cristo, sua Palavra é Ação de Deus. Cristo é criador com o Pai e o Espírito Santo como se vê na tempestade acalmada, Ele diz à tempestade: *“Pare”!* E o vento se acalmou. Neste momento, ele se mostra o mestre da criação.

A autoridade da Igreja, que se manifesta pela autoridade na Igreja nos sacramentos, vem da participação na criação de Deus, pois, somos nascidos de seu ato criador. Esta autoridade está a serviço da esperança do homem e manifesta a Salvação, é a autoridade de um Deus que não cessa de criar a humanidade, de nos criar, de criar este mundo até que seja reunido nele.

Isto exige de nós uma única atitude simples, a da epístola aos *Filipenses*: *“Tende em vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus. Ele, que era de condição divina, não se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si próprio. Assumindo a condição de servo, tornou-Se semelhante aos homens. Aparecendo como homem, humilhou-Se ainda mais, obedecendo até à morte, e morte de cruz. Por isso, Deus O exaltou e lhe deu o Nome que está acima de qualquer outro nome”*.

A obediência apaixonada ao desígnio do Pai que é exercida na realidade divina da Igreja permite a Deus agir para o bem, pelo serviço da autoridade dos diferentes membros da Igreja, cada um em seu lugar. O Direito Canônico da Igreja permite a cada um encontrar o caminho de entrega de si mesmo até “descer às profundezas da morte”, dom total aos irmãos e à humanidade, e de se dar ao Pai para “seu caminho de ressurreição e de vida”, não somente por ele mesmo nem para a Igreja, mas para o bem de toda humanidade.

Dom Jérôme BEAU  
*Bispo auxiliar de Paris*

## **BENTO XVI**

Lourdes, 15 de setembro de 2008

### **Homilia do Papa Bento XVI na Missa com os doentes na esplanada do Rosário em Lourdes**

Enquanto em 2004, Lourdes recebeu João Paulo II, doente entre os doentes, este ano, Bento XVI quis percorrer como peregrino o caminho do Jubileu por ocasião do 150º aniversário das aparições. É sobre o vasto gramado, em frente à gruta de Massabielle, que o Papa celebrou

a Missa de domingo 14 de setembro. No dia seguinte, ele se dirige particularmente aos doentes assegurando-lhes que encontrarão a força para viver o que eles têm a viver contemplando o sorriso de Maria.

Segunda-feira 15 de setembro de 2008

*Amados Irmãos no Episcopado e no Sacerdócio, queridos doentes, prezados acompanhantes e enfermeiros, caros irmãos e irmãs!*

Ontem celebrámos a Cruz de Cristo, instrumento da nossa salvação, que nos revela em plenitude a misericórdia do nosso Deus. A Cruz é realmente o lugar onde se manifesta perfeitamente a compaixão de Deus pelo nosso mundo. Hoje, ao celebrarmos a memória de Nossa Senhora das Dores, contemplamos Maria que partilha a compaixão do Filho pelos pecadores. Como afirmava São Bernardo, a Mãe de Cristo entrou na Paixão do Filho através da sua compaixão (cf. *Homilia do Domingo na Oitava da Assunção*). Ao pé da Cruz cumpre-se a profecia de Simeão: o seu coração de Mãe é trespassado (cf. *Lc 2, 35*) pelo suplício infligido ao Inocente, nascido da sua carne. Tal como Jesus chorou (cf. *Jo 11, 35*), também Maria terá certamente chorado diante do corpo torturado do Filho. Todavia, a sua discrição impede-nos de medir o abismo da sua dor; a profundidade desta aflição é apenas sugerida pelo tradicional símbolo das sete espadas. Como sucedeu com seu Filho Jesus, é possível afirmar que este sofrimento levou-A também a Ela à perfeição (cf. *Heb 2, 10*), de modo a torná-la capaz de acolher a nova missão espiritual que o Filho Lhe confia imediatamente antes de “entregar o espírito” (cf. *Jo 19, 30*): tornar-Se a Mãe de Cristo nos seus membros. Naquela hora, através da figura do discípulo amado, Jesus apresenta cada um dos seus discípulos à Mãe dizendo-lhe: “Eis o teu filho” (cf. *Jo 19, 26-27*).

Maria vive hoje na alegria e glória da Ressurreição. As lágrimas derramadas ao pé da Cruz transformaram-se num sorriso que nada mais apagará, embora permaneça intacta a sua compaixão materna por nós. Atesta-o a intervenção da Virgem Maria em nosso socorro ao longo da história e não cessa de suscitar por Ela, no povo de Deus, uma confiança inabalável: a oração *Memorare* (“*Lembrai-Vos*”) exprime muito bem este sentimento. Maria ama cada um dos seus filhos, concentrando a sua atenção de modo particular naqueles que, como o seu Filho na hora da Paixão, se acham mergulhados no sofrimento; ama-os, simplesmente porque são seus filhos, por vontade de Cristo na Cruz.

O Salmista, vislumbrando de longe este vínculo materno que une a Mãe de Cristo e o povo crente, profetiza a respeito da Virgem Maria: “Os grandes do povo... procurarão o teu sorriso” (*Sal 44, 13*). E assim, solicitados pela Palavra inspirada da Escritura, os cristãos sempre procuraram o sorriso de Nossa Senhora, aquele sorriso que os artistas, na Idade Média, tão prodigiosamente souberam representar e engrandecer.

Este sorriso de Maria é para todos: no entanto, dirige-se de modo especial para os que sofrem, a fim de que nele possam encontrar conforto e alívio. Procurar o sorriso de Maria não é uma questão de sentimentalismo devoto ou antiquado; antes, é a justa expressão da relação viva e profundamente humana que nos liga Àquela que Cristo nos deu por Mãe.

Desejar contemplar este sorriso da Virgem não é de forma alguma deixar-se dominar por uma imaginação descontrolada. A própria Escritura nos revela tal sorriso nos lábios de Maria, quando canta o *Magnificat*: “A minha alma glorifica ao Senhor e o meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador” (*Lc 1, 46-47*). Quando a Virgem Maria dá graças ao Senhor, toma-nos por suas testemunhas. Maria, como que por antecipação, partilha com os futuros filhos, que somos nós, a alegria que mora no seu coração, para que uma tal alegria se torne também nossa. E cada proclamação do *Magnificat* faz de nós testemunhas do seu sorriso.



Aqui em Lourdes, durante a aparição de 3 de Março de 1858, Bernadete contemplou de maneira muito especial este sorriso de Maria. Foi esta a primeira resposta dada pela Bela Senhora à jovem vidente, que queria saber a sua identidade. Antes de apresentar-Se-lhe alguns dias mais tarde como “*a Imaculada Conceição*”, Maria fez-lhe conhecer antes de mais nada o seu sorriso, como se tal fosse a porta mais apropriada para a revelação do seu mistério. No sorriso da mais eminente de todas as criaturas, que a nós se dirige, reflecte-se nossa dignidade de filhos de Deus, uma dignidade que nunca se extingue em quem está doente. Aquele sorriso, verdadeiro reflexo da ternura de Deus, é a fonte duma esperança invencível.

Infelizmente, bem o sabemos: o sofrimento prolongado rompe os equilíbrios mais consolidados duma vida, abala as mais firmes certezas da confiança e chega por vezes até a fazer desesperar do sentido e valor da vida. Há combates que o homem não pode sustentar sozinho, sem a ajuda da graça divina. Quando a palavra já não consegue encontrar expressões adequadas, sente-se a necessidade duma presença carinhosa: procuramos então a solidariedade não só daqueles que compartilham o nosso próprio sangue ou estão ligados connosco por vínculos de amizade, mas também a solidariedade de quantos se acham intimamente unidos a nós pelo laço da fé. E quem de mais íntimo poderíamos nós ter além de Cristo e da sua santa Mãe, a Imaculada? Mais do que qualquer outro, Eles são capazes de nos compreender e perceber a dureza do combate que travamos contra o mal e o sofrimento. A *Carta aos Hebreus*, referindo-se a Cristo, afirma que Ele não é alguém incapaz de “*compadecer-Se das nossas fraquezas; pelo contrário, Ele mesmo foi provado em tudo*” (Heb 4, 15).

Queria, humildemente, dizer àqueles que sofrem e a quantos lutam e se sentem tentados a virar as costas à vida: Voltai-vos para Maria! No sorriso da Virgem, encontra-se misteriosamente escondida a força para continuar o combate contra a doença e a favor da vida. Junto d’Ela, encontra-se igualmente a graça para aceitar, sem medo nem mágoa, a despedida deste mundo na hora querida por Deus. Quão justa era a intuição daquela bela figura espiritual francesa que foi o Padre Jean-Baptiste Chautard, quando, na obra *A alma de todo o apostolado*, propunha ao cristão fervoroso frequentes “*trocas de olhar com a Virgem Maria*”!

Sim, procurar o sorriso da Virgem Maria não é um pio infantilismo; é a inspiração – diz o Salmo 44 – daqueles que são “*os grandes do povo*” (v. 13). “*Os grandes*”, entenda-se, na ordem da fé, aqueles que possuem a maturidade espiritual mais elevada e sabem por isso reconhecer a sua fraqueza e pobreza diante de Deus. Naquela manifestação muito simples de ternura que é o sorriso, apercebemo-nos de que a nossa única riqueza é o amor que Deus nos tem e que passa através do Coração d’Aquele que Se tornou nossa Mãe.

Procurar este sorriso significa em primeiro lugar perceber a gratuidade do amor; significa também saber suscitar este sorriso com o nosso empenho em viver segundo a palavra do seu dilecto Filho, tal como a criança procura suscitar o sorriso da mãe fazendo aquilo que é do seu agrado. E nós sabemos o que agrada a Maria pelas palavras que Ela mesma dirigiu aos serventes em Caná: “*Fazei o que Ele vos disser*” (Jo 2, 5). O sorriso de Maria é uma fonte de água viva. “*Do seio daquele que acredite em Mim – disse Jesus –, correrão rios de água viva*” (Jo 7, 38). Maria é Aquela que acreditou e, do seu seio, correram rios de água viva, que vêm regar a história dos homens. A fonte indicada por Maria a Bernadete, aqui em Lourdes, é o sinal humilde desta realidade espiritual. Do seu coração de crente e de mãe corre uma água viva que purifica e cura. Inúmeros são aqueles que, mergulhando nas piscinas de Lourdes, descobriram e experimentaram a doce maternidade da Virgem Maria, agarrando-se a Ela para melhor se prenderem ao Senhor! Na sequência litúrgica desta festa de Nossa Senhora das Dores, Maria é honrada sob o título de “*Fons amoris*”, “*Fonte de amor*”. Realmente, do coração de Maria, brota um amor gratuito que suscita uma resposta filial, chamada a aperfeiçoar-se sem cessar.

Como toda a mãe, e melhor do que qualquer outra mãe, Maria é a educadora do amor. É por isso que tantos doentes vêm aqui, a Lourdes, para saciar-se nesta “*Fonte de amor*” e deixar-se conduzir até à única fonte da salvação, o seu Filho, Jesus Salvador. Cristo concede a sua salvação através dos sacramentos e, de modo especial, às pessoas que estão doentes ou são portadoras de qualquer deficiência, através da graça da Unção dos Enfermos. Para cada um, o sofrimento é sempre um estranho. Não nos habituamos nunca à sua presença. Por isso é difícil suportá-lo, e mais difícil ainda – como fizeram algumas grandes testemunhas da santidade de Cristo – acolhê-lo como parte integrante da própria vocação, ou aceitar, segundo a expressão de Bernadete, “*tudo sofrer em silêncio para comprazer Jesus*”. Para se poder dizer isto, é necessário ter percorrido já um longo caminho em união com Jesus. Em contrapartida, é possível imediatamente desde já abandonar-se à misericórdia de Deus tal como esta se manifesta por meio da graça do sacramento dos doentes.

A própria Bernadete, no decurso duma existência frequentemente marcada pela doença, recebeu este sacramento quatro vezes. A graça própria deste sacramento consiste em acolher em si mesmo Cristo médico. Cristo, porém, não é médico à maneira do mundo. Para nos curar, Ele não fica fora do sofrimento que se experimenta; mas alivia-o vindo habitar naquele que está atingido pela doença, para a suportar e viver com ele. A presença de Cristo vem quebrar o isolamento que a dor provoca. O homem deixa de carregar sozinho a sua provação, mas enquanto membro sofredor de Cristo, fica conformado a Ele que Se oferece ao Pai e em si, participa no parto da nova criação. Sem a ajuda do Senhor, o jugo da doença e do sofrimento pesa cruelmente. Recebendo o sacramento dos doentes, não desejamos levar outro jugo que não seja o de Cristo, fortalecido pela promessa que Ele nos fez, isto é, que o seu jugo será fácil de levar e leve o seu peso (cf. Mt 11, 30).

Convido as pessoas que vão receber a Unção dos doentes durante esta Missa a se imbuírem a uma tal esperança. O Concílio Vaticano II apresentou Maria como a figura na qual está compendiado todo o mistério da Igreja (cf. LG 63-65). A sua vida pessoal apresenta o perfil da Igreja, sendo esta convidada a estar atenta como Ela às pessoas que sofrem. Dirijo uma saudação afectuosa aos componentes do Serviço de Saúde e Enfermagem, bem como a todas as pessoas que por diversos títulos, nos hospitais e noutras instituições, contribuem para o cuidado dos doentes com competência e generosidade.

De igual modo gostaria de dizer ao pessoal de acolhimento, aos maqueiros e aos acompanhantes que, originários de todas as dioceses de França e de mais longe ainda, se prodigalizam ao longo de todo o ano à volta dos doentes que vêm em peregrinação a Lourdes, quão precioso é o seu serviço. Eles são os braços da Igreja, serva.

Desejo enfim encorajar aqueles que, em nome da sua fé, acolhem e visitam os doentes, de modo particular nas capelarias dos hospitais, nas paróquias ou, como aqui, nos santuários. Possais vós sentir sempre, nesta importante e delicada missão, o apoio eficaz e fraterno das vossas comunidades! E, neste sentido, saúdo e agradeço também de modo particular meus irmãos no episcopado, os bispos franceses, os bispos estrangeiros e os sacerdotes que, todos eles, são acompanhadores dos enfermos e dos homens marcados pelo sofrimento no mundo. Obrigado pelo vosso serviço junto ao Senhor que sofre. O serviço de caridade que prestais é um serviço mariano. Maria vos confia o seu sorriso, para que vós próprios vos torneis, na fidelidade a seu Filho, fontes de água viva. Aquilo que estais fazendo, fazei-o em nome da Igreja, de quem Maria é a imagem mais pura. Possais vós levar o seu sorriso a todos!

Ao concluir, desejo unir-me à oração dos peregrinos e dos doentes e retomar juntamente convosco um trecho da oração a Maria feita para a celebração deste Jubileu: “*Porque Vós sois o sorriso de Deus, o reflexo da luz de Cristo, a habitação do Espírito Santo, porque Vós escolhestes Bernadete na sua miséria, Vós que sois a estrela da manhã, a porta do céu e a*

*primeira criatura ressuscitada, Nossa Senhora de Lourdes”, com os nossos irmãos e as nossas irmãs cujos corações e corpos estão a sofrer, nós Vos pedimos!*

Papa Bento XVI  
*Lourdes, 15 de setembro de 2008*

## **DESAFIOS ATUAIS**

Província das Filipinas

Serviço às famílias de migrantes no seu país de origem.

### **INTRODUÇÃO**

Muitos migrantes filipinos deixam sua família no país e partem em busca de um futuro melhor para ela. O “êxodo” continua ainda hoje com mais intensidade. O custo atual com os contatos familiares e a educação dos filhos deixados no país se tornam alarmantes. Nós, Filhas da Caridade, tomamos consciência de que em cada uma das Escolas, Hospitais, Instituições de Serviços Sociais ou Paróquias, estamos a serviço de mulheres, de maridos, de filhos de trabalhadores migrantes. Jen é um exemplo típico disto.

*“A pobreza me impulsionou a deixar minha família para encontrar pastagens mais verdes; pensei que pudesse conseguir isto trabalhando no estrangeiro. Desejava obter uma vida melhor para minha família, oferecer aos meus filhos um futuro belo e permitir-lhes experimentar o que eu não tive em minha juventude. Comecei com grande esperança, mas vivi, exatamente, o inverso em meu lugar de trabalho (pouca comida, uma sobrecarga de trabalho, salários atrasados e abaixo do que tinha sido previsto, é o mínimo que se pode dizer). A guerra permitiu-me voltar para casa, embora tivesse que voltar com as mãos mais vazias do que quando parti”. Jen, 34 anos.*

### **Sinais precursores da tempestade**

Nas classes do jardim da infância, crianças frequentam a enfermaria da Escola, especialmente as segundas-feiras, para se tratar de todos os tipos de males que frequentemente não têm nenhum fundamento médico. As conversas informais com as crianças revelam que os finais de semana, que antes eram “dias dedicados à família”, são os que elas lamentam e sentem dolorosamente sua ausência porque estão distantes”.

Na adolescência, há um aumento sensível de comportamentos rebeldes e delinquentes bem como os fracos resultados escolares entre os alunos. A ausência de uma presença materna e de conselhos paternos causam sentimentos de insegurança, de instabilidade; estes jovens sofrem a ausência de um sentimento de pertença. Algumas crianças, desde o jardim da infância, não são mais nem mesmo acompanhadas por um dos membros distantes de suas famílias, mas por criadas. A infidelidade dos maridos e a falta de responsabilidade das esposas na administração do dinheiro aumentam a gravidade da situação. Os migrantes que voltam ao país, especialmente aqueles que estão doentes, estão expostos a processos. Junto com suas famílias, eles precisam de ajuda para reencontrar aí um lugar.

## A RESPOSTA DA PROVÍNCIA

Pareceu-nos óbvio que tínhamos o dever de agir frente a “novos pobres” – que no início não entravam em nossas antigas categorias de pobres. Deveríamos refletir em modos mais adaptados para servi-los. A escolha de ajustar nossos esforços no cuidado e no acompanhamento das famílias de migrantes veio da tomada de consciência que as famílias de migrantes filipinos se tornaram a este ponto disfuncionais e que as necessidades de ajuda são gritantes. Todas as nossas instituições (Escolas, Hospitais, e Serviços Sociais) lançaram um questionário para avaliar as necessidades dos alunos e colaboradores quer sejam mulheres, maridos, irmãos, irmãs, mães ou pais de migrantes. Dali em diante, quase todas as nossas Instituições – mais de vinte dentre elas – têm um registro com os nomes das famílias de migrantes. A descrição da situação e das necessidades destas famílias serve de base para um programa que visa aconselhá-las e acompanhá-las.

Durante um encontro Provincial em 2005, a Província identificou o serviço das famílias de migrantes como uma de suas quatro prioridades. As Comunidades locais e as diversas Instituições começaram a servi-las lá onde elas estavam e “quando surgiam as necessidades”.

Mesmo se o serviço é global em seu objetivo, queremos indicar dois níveis deste serviço:

### A – O SERVIÇO DAS FAMÍLIAS DE MIGRANTES EM NOSSAS INSTITUIÇÕES

O sentimento de distância, de desconexão, a ausência de ligação e o sentimento de abandono é muito intenso entre os filhos de migrantes. A busca de uma “educação parental de substituição” conduziu algumas instituições a constituir na Escola grupos pequenos de 5 crianças ou adolescentes para fazer alguns “**grupos de pertença**” onde os jovens possam expressar ao seu colega suas dificuldades, seus sofrimentos e sentimentos. Um adulto (um pai, um professor ou uma irmã) faz parte do grupo, assegura uma presença e dá conselhos. Estes grupos se reúnem regularmente. Mas, o efeito mais significativo desta iniciativa, é que estes “grupos de pertença” se estendem além da Escola até ao domicílio das crianças, confirmando assim, a **parceria entre a família e a Escola**.

A **relação estabelecida entre os pais e as Irmãs** que ajudam os professores e servem de conselheiras no acompanhamento dos alunos é uma das vantagens inesperadas destes grupos. A certeza de ter pessoas adultas com as quais as crianças podem contar, e o fato de que estejam convictos da importância (qualquer que sejam suas dificuldades e suas situações) começam a fazer nascer neles um sentimento de pertença, uma estabilidade e uma segurança.

O esforço **para reunir e consolidar as relações com as famílias de migrantes** tem também encorajado um super crescimento de atenção e de tempo reservado a determinados momentos do ano. Preparar os presentes e os cartões para o Natal, para o dia dos namorados ou aniversários é uma **atividade supervisionada pela Escola** que se tornou um ritual que os pais, as crianças e os professores esperam com uma impaciência mesclada de alegria.

Os pais emigrantes de uma criança de 4 anos receberam um cartão postal transmitindo através de sua escrita infantil os votos de sua filha. Emocionados às lágrimas, seus pais disseram que o “reconhecimento” era uma palavra fraca para expressar o que eles sentiam a respeito do programa para as famílias e os trabalhadores migrantes na Escola que oferece aos alunos um meio de se comunicar com seus pais que trabalham no estrangeiro.

A Escola iniciou algumas atividades que oferecem uma formação e informação sobre os direitos dos migrantes no que se refere as suas esposas e as encorajou a criar vínculos entre elas. O fato de partilhar as mesmas situações e as mesmas preocupações prevêm-lhes ocasiões de se apoiarem mutuamente, de trocarem idéias sobre como educar seus filhos sozinhos, buscando reconforto na partilha de sua fé. Assim se expressou um membro de uma família de migrantes: *“A Escola é, realmente, a segunda casa dos trabalhadores migrantes e de suas famílias. Tais*

*oportunidades nos trazem uma consciência aprofundada dos direitos, dos privilégios e dos lucros dos trabalhadores migrantes e de suas famílias. Isto nos permite fazer nossas perguntas e expressar nossas apreensões. Percebemos que nós não estamos sozinhos”.*

Por causa da educação dada por “famílias de substituição” nas quais as crianças são confiadas aos avós, tios, tias e à babás que nem sempre são preparadas para cuidar das crianças além de dar-lhes dinheiro, deve-se fazer constantemente um esforço para lhes dar uma formação específica permanente. As questões de disciplina, de utilização apropriada de dinheiro (“*Posso ter tudo o que eu quero... minha mãe envia dinheiro*”), os maus hábitos alimentares, os fracos resultados escolares, a falta de respeito para com a autoridade (“*Você não é meu pai!*”) são apenas alguns exemplos dos problemas aos quais as “famílias de substituição” e os tutores enfrentam em casa.

## **B – O SERVIÇO JUNTO AOS MIGRANTES QUE RETORNAM OU SÃO REPATRIADOS E SUAS FAMÍLIAS**

A guerra do Líbano acompanhou o retorno de milhares de trabalhadores filipinos migrantes que não estavam preparados para voltar aos seus países e que enfrentaram inúmeras dificuldades (doença, transferência de dinheiro para entrar em suas regiões, reintegração na família e entre os trabalhadores do país, desemprego, etc.). Por isso, uma de nossas Instituições de Serviço Social (o Asilo São Vicente de Paulo em Manila) criou um programa de ajuda aos trabalhadores filipinos de retorno e às pessoas soropositivas e às suas famílias. O programa se chama **Programa “Bom Samaritano”**. Trata-se de um trabalho de reintegração, de capacidades a reconstruir e a resolver os problemas através de um serviço de desenvolvimento integral que compreende:

### 1 - A administração do dossiê.

Este serviço identifica com o migrante e sua família o tipo de ajuda que ele precisa. Ele também discerne com eles a intervenção a fazer para superar os obstáculos de uma integração.

*Viviane, que sofreu abusos sexuais de seu patrão, foi repatriada grávida. Encaminhada para o Asilo São Vicente de Paulo por um organismo governamental, deram-lhe alguns conselhos durante algumas sessões e os Assistentes sociais discerniram com ela as diferentes escolhas possíveis referentes ao bebê depois de seu nascimento e sua reintegração no seio de sua família. Seu bebê foi confiado a uma outra Instituição para ser adotado, mas as primeiras tentativas para obter a aceitação de seu marido falharam. Os esforços permanentes sob forma de conselhos, de tratamento da depressão e diálogo com sua família finalmente terminaram em um novo encontro que foi um sucesso. Agora, ela vive com seus pais e retomou sua vida. Uma Comunidade de Filhas da Caridade situada a alguns quilômetros, acompanha Viviane, dando-lhe um apoio moral e espiritual.*

### 2 - Um Serviço de hospedagem e de pastoral

Este serviço oferece um alojamento, uma animação espiritual e conselhos aos migrantes que voltam ao país bem como às suas famílias que não têm um lugar onde ficar durante o tempo do tratamento médico ou enquanto esperam pela liberação dos procedimentos legais.

### 3 - Um alojamento temporário

É providenciado para as famílias de migrantes em necessidade:

- quando o trabalhador migrante volta doente ao país,
- em caso de matrimônios culturalmente mistos,

- quando as crianças foram abandonadas por seu tutor ou vítimas de abusos por parte dos adultos aos quais elas foram confiadas.

### **Com um amor inventivo até o infinito**

As situações “inesperadas” e as necessidades dos migrantes e de suas famílias conduziram o Escritório para os Migrantes da Província das Filipinas criado em 2001 a buscar “novos desafios”, a “novas maneiras” de servir, a “novas formas” de parceria.

Atualmente, o Escritório trabalha em rede com muitos grupos religiosos e eclesiais, organismos públicos no plano nacional e internacional a fim de oferecer aos migrantes e às suas famílias um serviço integral (pastoral, cultural, econômico, social, político e jurídico).

### **Semear germes de responsabilidade**

Se a educação e a defesa dos direitos permanecem essenciais no serviço junto aos migrantes, a complexidade de suas necessidades conduziu à elaboração de programas para formar os migrantes à inteligência da fé, aos valores culturais, ao serviço da comunidade humana... Este tipo de formação gerou responsáveis e formadores entre os próprios migrantes para seus compatriotas migrantes que precisam de apoio e de encorajamento.

*“... Embora eu esteja recuperada depois de ter sido violentada por meu patrão, eu sempre volto ao Escritório das Filhas da Caridade para os migrantes porque elas nunca me julgaram por meu passado... deram-me o apoio que eu precisava para curar-me. Encontrei uma casa e uma nova família que me ensinou meus direitos e como colocar-me de pé. Durante quase duas semanas, eu participei, gratuitamente, de uma recoleção, um retiro e me deram conselhos. Durante este retiro, a Irmã falou com minha família preparando-a para minha reintegração. Nossa reunião familiar foi para mim uma profunda experiência de Deus. Pediram-me para assistir a uma formação a fim de adquirir experiências; lá, eu conheci outros migrantes que retornavam ao país e também suas famílias. Estes acontecimentos me devolveram a confiança. Levaram-me a um advogado para que ele me ajudasse a exigir meus direitos dos salários que me deviam. Uma Irmã me acompanhou a todas as audiências do tribunal e falou em meu lugar quando eu era tomada pela emoção. Em reconhecimento por tudo o que eu vivi com este Escritório, deram-me a oportunidade de repassar esta experiência aos pobres. Com um coração transbordante de gratidão, ofereci-me como voluntária para cuidar da filha doente de um migrante falecido no hospital. Fui motivada a encorajar os migrantes e suas famílias. Aprecio meu trabalho aqui nas Filipinas graças a este Escritório das Filhas da Caridade para os migrantes. Deus é realmente bom. Em seu devido tempo, Ele põe todas as coisas em seu justo lugar. Pode acontecer que eu tenha muitas dificuldades como mãe solteira com pais idosos. Pode acontecer que eu não consiga encontrar uma vida próspera para minha família, mas eu sei que nós sobreviveremos e que continuarei meu trabalho voluntário para ajudar e motivar outros migrantes”.* Aida, 28 anos.

### **Por um fim ao ciclo migratório**

*“Comecei colocando toda minha esperança em uma vida melhor e acabei voltando às Filipinas sem nada. Recuperei a confiança quando eu fui escolhido como bolsista para participar de uma formação de Assistente Social por seis meses; esta bolsa foi oferecida por um Centro reintegrado à Casa Provincial das Filhas da Caridade. Cada mês, participei da formação e recebi uma subvenção para minhas despesas de alimentação e transporte até eu terminar minha formação. Em janeiro de 2008, eu passei no exame do TESDA que validou minha competência para ajudar no desenvolvimento através de conhecimentos educativos e tecnológicos e me tornei um Assistente Social contratado. Agora, tenho um emprego*

*remunerado como Assistente Social diplomado. Com meu salário, eu posso enviar meus filhos à Escola e ajudar meus pais doentes. Minha vida como trabalhador emigrante terminou. Daqui em diante sou ativo e sempre disponível para servir os migrantes que precisam". Jen, 34 anos.*

Por causa da **escassez de empregos** no país, o Escritório dos migrantes estendeu sua colaboração aos diferentes organismos de investimento para os migrantes que voltam ao país e para os rapazes e moças que desejam partir ao estrangeiro. Vinte e oito deles puderam encontrar um trabalho no país.

### **Viver plenamente com reconhecimento**

Dias de oração e de recoleção foram organizados por Filhas da Caridade na intenção de 20 migrantes e soro-positivos que retornaram ao país. Elas lhes permitiram expressar seus sofrimentos, seus medos, e transformá-los em esperança.

Encontrar Deus na angústia, experimentar a vida como uma peregrinação, aceitar a morte como um acontecimento bem real, eis os sinais incontestáveis de esperança que inspiram as Irmãs e lhes dão um novo elã para o serviço.

### **Cada vez mais operários para a Vinha do Senhor**

Há um número crescente de Irmãs e de colaboradores leigos da Missão que expressaram claramente seu desejo de participar do serviço junto aos migrantes e suas famílias, e isto foi uma verdadeira fonte de inspiração e de apoio para todos. Eles começaram por acolher os migrantes que passavam, sentar-se com eles para escutar suas histórias, em seguida, iam visitá-los em casa, acompanhá-los ao tribunal, e faziam muitas coisas com eles e por eles. Os pequenos afluentes formam grandes rios....

Irmãs Maria Teresa MUEDA e Teresita LAGUNAS  
*Filhas da Caridade*

## **DESAFIOS ATUAIS**

Província do Vietnã

A maneira de encarar a missão  
das Filhas da Caridade  
no Centro dos doentes de aids de Mai-Hoa.

Neste país confrontado a tantos conflitos e pobreza, o apelo de Deus à partilhar com as pessoas mais necessitadas e servi-las parece ressoar constantemente nos corações das Filhas da Caridade no Vietnã. Portanto, a decisão de se engajar para cuidar das pessoas soro-positivas e portadores da aids não foi fácil de tomar em nossa cultura e nestes tempos em que a nossa sociedade – que não é informada sobre o HIV e a aids – manifesta o medo e a repulsão para com esta doença.

Mas, o apelo não deixou de ser reiterado. Em 1994, por ocasião do Encontro das Visitadoras reunidas em Paris, o Padre Maloney expressou um de seus desejos: que as pessoas mais frágeis tivessem um lugar bem especial no coração de cada Filha da Caridade, em cada Província e no conjunto da Companhia. Este desejo foi levado a sério pelas Visitadoras da Ásia e a responsabilidade das pessoas soro-positivas e doentes de aids se tornou um dos principais

assuntos debatidos quando elas se reuniram em 1995, em Bangkok. Dois anos depois, as Filhas da Caridade do Vietnã perceberam a oportunidade de lançar este serviço através do apelo do governo vietnamita. Pela primeira vez na história da República Socialista do país, o governo convidou os setores privados e religiosos a se unirem aos organismos governamentais para tratar esta epidemia. Até esta data, o governo tinha o monopólio de todas as atividades sócio-educativas e sanitárias no país.

Os acontecimentos são sinais de Deus e as Filhas da Caridade estavam convictas de que o tempo havia chegado para a Província para responder aos desígnios de Deus a fim de que seu povo sofrido possa ser servido. O caminho para realizar um tal projeto não foi tranquilo porque deveríamos obter a aceitação da população local e solicitar as autorizações necessárias junto das autoridades locais cuja atitude se revela muito diferente daquela do governo central. Foram necessários três anos de trabalho pesado antes que o projeto pudesse começar. Em 20 de março de 2000, a comunidade de Mai-Hoa foi criada oficialmente a Cu Chi, um bairro da cidade de Ho Chi Minh. Com alguns membros de pessoal leigo, que, para a maioria eram, eles próprios, portadores de aids, as Filhas da Caridade construíram 4 pavilhões: quatro Filhas da Caridade vieram viver entre os doentes de aids em fase terminal, elas acolhem 30 adultos e 20 crianças portadoras de aids das quais algumas viram morrer seus pais em Mai-Hoa.

O primeiro paciente admitido foi um jovem de 22 anos em fase terminal. Rejeitado por sua família porque ele se drogava, havia ameaçado várias vezes queimar a casa da família antes de deixá-la e de se tornar um “Sem-abrigo”. Depois de ter vivido vários meses em Mai Ho, seu coração endurecido acabou se deixando tocar pela generosidade das Irmãs e pelo acolhimento amigável dos membros do pessoal, então, ele pediu para conhecer a fé católica e, em seguida, foi batizado. Sua mãe recusou ver seu filho doente, mas como a Irmã insistia, ela concordou vir a Mai-Hoa. Vendo seu filho, ela começou a chorar e diz: “Meu filho, aqui cuidaram de ti como uma pessoa humana”. Ela diz isto porque o vira num estado deplorável quando ele era um “Sem – abrigo” e dormia na rua.

Depois da morte de seu filho, o pai declarou que era católico; mas, durante vinte anos, tinha escondido sua pertença religiosa para fazer parte do partido comunista. O fato de seu filho ter recebido os Sacramentos da Igreja antes de sua morte o comoveu profundamente e, depois de seu funeral, ele voltou com sua esposa para a religião católica e se casaram na Igreja.

A história deste jovem foi um grande encorajamento para todas as pessoas que haviam cuidado dele. Portanto, antes de redescobrir a fé, a paz e o perdão para sua família que o tinha rejeitado, ele percorreu um longo caminho de sofrimentos, de frustrações, de violências, de desejo de vingança e, até mesmo, várias tentativas de suicídios. As Filhas da Caridade e os funcionários de Mai-Hoa o colocaram em suas orações, dedicaram tempo para estar com ele e investiram muitos esforços para ajudá-lo a superar estes momentos difíceis. Eles também reservaram tempo e dispensaram energia para visitar sua família a fim de obter a cooperação dela e, assim, ajudar este jovem doente.

Num olhar de fé, as Filhas da Caridade reconhecem a agonia de Cristo nos sofrimentos e a falta de esperança dos doentes. Esta visão de fé lhes dá a coragem e a força necessárias para acompanhar os doentes em suas provações. De fato, os doentes soro-positivos e portadores da aids são mestres muito difíceis e exigentes. É necessário um intenso amor e uma profunda relação com Cristo crucificado e ressuscitado para assegurar o serviço cotidiano a estes doentes. Eles sempre descarregam sua frustração no pessoal que, muitas vezes, não está em condições de aliviar seus sofrimentos físicos ou psicológicos e de responder a todas às suas aspirações. A impotência face ao sofrimento dos doentes levou as Filhas da Caridade a uma fé mais forte no poder salvífico de Deus que, unicamente, pode atenuar nossa angústia e nos dar a esperança. Elas também se esforçam para encontrar diariamente diferentes maneiras de permitir aos doentes sentirem o amor de Deus para com eles.



Ora, as pessoas externas que vêm fazer uma visita aos doentes de Mai-Hoa, frequentemente se perguntam por que as Irmãs demonstram tanta atenção e amor às pessoas doentes que não poderão recuperar a saúde nem se tornarem úteis. À primeira vista, elas pensam que as Irmãs perdem seu tempo e gastam suas energias inutilmente cuidando de pessoas que não poderão mais produzir. Portanto, quando estas pessoas passarem mais tempo com os doentes, estes podem partilhar a paz e a esperança que encontram graças à generosidade compreensiva das Irmãs; então, estas pessoas acabam compreendendo a missão das Irmãs.

Apesar dos sentimentos de culpa e de impotência dos doentes, as Irmãs os ajudam a recuperar a estima de si mesmo e perceber, à sua maneira, o ser de filhos de Deus. Com a ajuda do Espírito Santo, elas empreenderam um “Programa de prevenção da aids”. Os doentes aceitam testemunhar sua experiência: eles contam como contraíram o vírus, suas angústias, suas diversas tentativas em acabar com seus dias, mas também como superaram estas provações e tomaram consciência de que eles ainda podiam ser úteis ajudando outros. Estes doentes recebem uma formação para falar dos diferentes modos de prevenir esta doença e sobre a maneira de cuidar dos aidéticos sem ter medo de ser contaminado.

Graças a este “Programa de prevenção”, aqueles que vêm ao Centro Mai-Hoa para uma visita pastoral ou por curiosidade, aprendem a evitar a aids e a não ter preconceito dos aidéticos por medo de ser contaminado. Para eles, o testemunho dos doentes que ousam partilhar sua experiência é credível e convincente.

No princípio de sua missão em Mai-Hoa, as Irmãs e os funcionários tiveram dificuldade, percebendo tanto medo e preconceito entre os visitantes. Estas pessoas demonstravam desprezo e procuravam se distanciar o mais rápido possível. Com o “Programa de prevenção”, houve uma grande mudança em suas atitudes. No entanto, as Irmãs ainda devem lutar para o reconhecimento dos direitos à educação dos filhos de soro-positivos ou de portadores de aids. Estas crianças não são recebidas em nenhuma Escola pública. Também, as Irmãs tentaram constituir um grupo de defesa dos direitos destas crianças a fim de que elas possam ter uma educação normal com as outras crianças. Várias vezes, foram enviados pedidos de matrícula destas crianças contaminadas, às diferentes autoridades das Escolas vizinhas. Depois de ter renovado estes pedidos durante dois anos, as Irmãs obtiveram apenas uma promessa: instruir elas mesmas estas crianças no Centro a fim de evitar o contato com outras crianças. As Irmãs renovaram os pedidos recusando manter estas crianças em classes especializadas: “são crianças normais que precisam ser socializadas com outras crianças para seu próprio desenvolvimento”. Finalmente, a perseverança das Irmãs foi recompensada. Uma nova Lei foi aprovada obrigando todas as Escolas a aceitarem todas as crianças, inclusive os portadores do HIV. Logo, as crianças puderam ser admitida na Escola e seu sonho de estudar com outras crianças foi realizado. Quando esta Lei foi posta em vigor em todos lugares, os diretores das Escolas com os quais as Irmãs haviam contactado, pediram-lhes que viessem em suas Escolas para falar sobre a aids e o sofrimento das pessoas atingidas pela doença. As Irmãs aproveitaram esta oportunidade para desenvolver uma maior cooperação com o objetivo de educar as pessoas sobre a prevenção da aids.

Quando as Filhas da Caridade começaram esta missão com as pessoas soro-positivas e portadoras da aids, precisaram confiar inteiramente na divina Providência. Todos os doentes admitidos em Mai-Hoa são pessoas necessitadas cujas famílias não têm meios para ajudá-las. Até o momento, Deus não nos decepcionou em nossa confiança conseguindo o dinheiro suficiente para cuidar deles. As pessoas que vêm ao Centro para visitar os doentes trazem um pacote de macarrão, enlatados ou alguns quilos de arroz. Todos os que visitam o Centro partilham seus recursos, embora limitados, para ajudar seus irmãos e irmãs necessitados. Não recebemos qualquer ajuda do governo e, contudo, as necessidades elementares das pessoas tratadas são satisfeitas. Os dons chegam a nós de diferentes instâncias religiosas: religiosos e

fiéis budistas, Pastores protestantes, Padres católicos... Os doentes que desejam podem conversar livremente com os representantes de sua confissão religiosa e podem participar dos serviços religiosos de acordo com sua fé. Assim, Mai-Hoa se tornou um lugar de colaboração e um Centro de cooperação inter-religiosa em favor dos interesses dos doentes de aids.

## **Conclusão**

Com os olhos da fé, as Filhas da Caridade vêem Deus nas pessoas que perderam toda aparência e dignidade humana. Elas acreditam firmemente que as pessoas que sofrem podem ser mensageiras poderosas dos desígnios de Deus para a nossa salvação. As Filhas da Caridade manifestaram seu compromisso em viver sem medo ao lado das pessoas que sofrem discriminação por parte da sociedade. Porém, estas mesmas pessoas, também podem ser um risco para as Irmãs porque, às vezes, alguns doentes frustrados tentam contaminá-las intencionalmente. A possibilidade do martírio como viveu Irmã Lindalva não está completamente descartada. Mesmo assim, as Irmãs estão dispostas a dar sua vida por eles.

Irmã Tue LINH  
*Filha da Caridade*

## **VISITA DOS SUPERIORES**

Irmã Franc de Evelyne, Superiora geral,  
e Irmã Wivine Kisu, Conselheira geral

Visita da Província de Eritréia  
26 de julho-4 de agosto de 2008

## **HISTÓRIA DA PROVÍNCIA DE ERITRÉIA**

*“Vós sois os mestres da minha vida. Agora que eu vos abri meu coração, entreguei-vos as chaves do meu coração. A partir de então, vós sabeis quem sou eu. Serei não somente vosso amigo, mas vosso servo”.* São Justino de Jacobis.

São Justino de Jacobis, cm, o Apóstolo da Abissínia que (hoje corresponde a Eritréia e o Norte da Etiópia) foi o primeiro a pedir que as Filhas da Caridade fossem para a Eritréia. Ele renovou este pedido durante vinte anos para que elas se unissem à sua missão, mas sem sucesso enquanto vivo. Seu desejo só foi realizado em 1878 com a chegada das primeiras Filhas da Caridade francesas. Irmã Luísa Lequette, no término de seu mandato de Superiora geral, foi para a Eritréia como missionária junto com outras Irmãs.

Presentes em Keren e Massawa, elas serviam em um Orfanato, uma Escola, um Dispensário e na pastoral junto às Filhas de Maria e cuidavam das pessoas idosas e dos doentes em domicílio. Porém, em 1895, por causa de problemas políticos, os missionários franceses (Filhas da Caridade e Lazaristas) foram expulsos da Eritréia. A missão deles foi assumida por outras Congregações de missionários italianos. 53 Anos depois, Irmã Stinga e Irmã Tereza, duas Filhas da Caridade italianas, chegaram à Eritréia vindas de Mekele na Etiópia, para lançar uma nova missão em Hebo: a Casa da Divina Providência, colocada sob a proteção de São Justino de Jacobis. Em 1985, a Eritréia se tornou Região; em 1995, Vice-Província e em 2001 Província.

Atualmente, a Província conta com 76 Irmãs e 11 Comunidades locais distribuídas no país. As Filhas da Caridade asseguram cuidados de saúde em domicílio para os idosos e

doentes, inclusive aidéticos, elas servem também os pobres num Orfanato, Escolas, Dispensários, estão engajadas na pastoral, no acompanhamento e animação das JMV, promoção da mulher, bem como das crianças portadoras de deficiências em colaboração com “Liliane Fundos”, um organismo financiado pelos Países Baixos.

## VISITA DE IRMÃ EVELYNE

No dia 26 de julho de 2008, a Província tem a graça de receber a visita de Irmã Evelyne Franc, Superiora geral, acompanhada por Irmã Wivine Kisu, Conselheira geral. Elas são recebidas calorosamente no Aeroporto de Asmara pela Visitadora, Irmã Lettegebriel e seu Conselho, o Diretor provincial Padre Rufael Mehari, as Irmãs Serventes, várias Irmãs da Província, os membros da Congregação da Missão e a Família Vicentina.

Na Casa Provincial Catarina Labouré, partilhamos nossa alegria deste momento particular como dizia São Justino “...*chamai-me e eu virei em qualquer momento do dia ou da noite, sou todo vosso*”.

No dia seguinte, 27 de julho de 2008, com os representantes da Família Vicentina e os pobres que lá se encontravam presentes, celebramos a Eucaristia, presidida pelo Padre Weldemariam Zerayohanes e o Diretor provincial. Durante sua homilia, o Padre Weldemariam ressalta o quanto a presença de Irmã Evelyne entre nós é sinal de encorajamento e nos convida a sermos autênticas em nossa missão como vicentinas. No final da Missa, a Irmã Visitadora expressa sua alegria, destacando que Irmã Evelyne é a terceira Superiora geral que veio nos visitar. Em seguida, os membros da Família Vicentina apresentam à Irmã Evelyne algumas oferendas, símbolos da identidade vicentina:

- Um missionário, vestido à maneira de São Justino de Jacobis, oferece uma Bíblia.
- O Diretor Provincial apresenta o incenso, sinal de respeito.
- Três Filhas da Caridade vestidas com o hábito de outrora apresentaram um avental, sinal do serviço.
- Os pobres oferecem flores brancas em sinal de ação de graças.
- As JMV entregam uma medalha milagrosa, sinal de nossa espiritualidade Marial.
- Os membros da Sociedade de São Vicente de Paulo apresentam uma vela, sinal da presença de Deus em nosso mundo.

Depois destas oferendas, o Padre Rufael fala das condições de vida de nosso povo, sua sede de paz e de segurança, bem como dos diferentes serviços dos pobres. Em seguida, Irmã Evelyne diz: “Vocês possuem uma tradição muito rica, uma fé sólida, uma das primeiras expressões da fé cristã, uma liturgia muito bonita; encorajo cada uma de vocês, especialmente as jovens, a permanecerem firmes na fé a fim de resistirem às dificuldades”. Ela conclui: “*Procurem olhar sempre os pobres como seus senhores e mestres*”.

Em seguida, ela se reúne com as Irmãs Serventes, as encoraja na missão de animação espiritual da Comunidade da qual elas mantêm a unidade, associando-as à Companhia e à Igreja. À tarde, intercâmbio com o Conselho e visita do Seminário: Casa Margarida Naseau.

No dia 28 de julho, Nossa Superiora geral vai a Hebo, à Casa da Providência. De passagem, ela pára em Dekemhare para visitar a Escola São Justino de Jacobis. Em Hebo, os habitantes dos 5 vilarejos vizinhos (cristãos e muçulmanos) se reuniram para acolher Irmã Evelyne e acompanhá-la até a paróquia de Mariam Zion onde São Justino foi enterrado.

No dia seguinte, depois da Missa no Santuário de São Justino, Notre Mère começa uma longa viagem, rumo à Casa do Bem-aventurado Ghebra Michael, em Monoxeito, na fronteira da Etiópia. Lá, os habitantes a acolhem cantando ao ritmo dos tambores e a acompanham até a paróquia. Em sua palavra de boas-vindas, um membro da população de Monoxeito menciona os

serviços realizados pelas Filhas da Caridade e pede que eles sejam continuados. Irmã Evelyne agradece a todos os habitantes pelo seu acolhimento sincero: *“o acolhimento de todos, expressa o amor que têm pelas Irmãs que vivem aqui. Estejam certos de que a Companhia inteira reza por seu tão sofrido país”*.

No dia 30 de julho, Irmã Evelyne e Irmã Wivine deixam a Casa São José para ir a Awhne passando pelo Centro de Saúde de Hawazu. Chegando perto de Awhne, é agora uma multidão de Católicos e de Ortodoxos, dirigidos por Padres Ortodoxos que as acompanham até a Igreja Ortodoxa da Trindade. Em seguida, o sino começa a soar, a porta da Igreja abre e as visitantes são convidadas a entrar seguindo os Padres. De acordo com nosso rito litúrgico, Irmã Evelyne e Irmã Wivine tiram os calçados e entram com as outras Irmãs. No final da celebração, Católicos e Ortodoxos juntos vão à paróquia Católica “Maria Aliança da Misericórdia”. Um dos Padres Ortodoxos cita Rom 10,12 *“Pois não há distinção entre judeu e grego, porque todos têm um mesmo Senhor, rico para com todos os que invocam seu nome”*. Ele acrescenta: *“A maior fé é o amor entre todos. Por isso, hoje, estamos todos unidos para saudar a presença de nossas queridas Irmãs”*. Em seguida, Notre Mère expressa sua felicidade em ver as boas relações que as Irmãs mantêm com os ortodoxos e os muçulmanos.

Em seguida, ela retorna à Halay, depois para Dekemhare lugar onde se encontram as Casas São Vicente de Paulo e São João Gabriel Perboyre (da Congregação da Missão), em seguida, toma a direção de Asmara para ir à Casa Provincial da Congregação da Missão. À tarde, Irmã Evelyne se encontra com o Bispo da Diocese de Asmara para uma conversa. Durante o diálogo, o Bispo fala o quanto aprecia a presença das Filhas da Caridade, notadamente nas regiões mais distantes.

No dia seguinte, viaja para Keren, onde visita a antiga Igreja construída pelos Padres Lazaristas, depois vai ao túmulo das Irmãs que serviram no Orfanato entre 1878 e 1895. Em seguida, ela se encontra com o Bispo da Diocese de Keren.

Irmã Evelyne continua sua visita:

- O Posto de Saúde São Georges em Walicu onde os 30.000 habitantes da região podem beneficiar do serviço das Irmãs. O responsável pela região com seus administradores, todos muçulmanos, veio para dar as boas-vindas à Irmã Evelyne com danças e cantos numa língua que é uma mistura do árabe e do eritreu.

- Na casa Mariam Zion, em Halhal, o Centro de Saúde e os diferentes serviços administrados pelas Irmãs que têm boas relações com os muçulmanos integristas.

Enfim, à noite, em Keren, os JMV apresentam a Notre Mère os nove grupos étnicos da Eritreia com suas roupas e suas danças tradicionais.

No dia 2 de agosto de 2008, Irmã Evelyne participa da Missa no Santuário de Mariam Daarit (Nossa Senhora da Medalha Milagrosa).

### ***Breve histórico de Mariam Daarit***

*Quando as Irmãs chegaram na Eritreia em Keren, em 1878, elas criaram um orfanato, uma Escola, um Centro de Saúde, elas se encarregaram da pastoral, das Filhas de Maria e dos tratamentos a domicílio para as pessoas idosas e doentes. Com elas, a devoção à “Medalha Milagrosa” não parou de crescer. Rapidamente, o Vigário Apostólico da Abissínia doou às Irmãs o vasto campo de Daarit para que as Filhas da Caridade criassem lá um Orfanato. “Veio-lhes à mente criar também um lugar de peregrinação consagrado à Virgem”<sup>1</sup>.*

*Numa gruta, no interior de um baobá ôco, foi colocada a estátua de Maria Imaculada, e inaugurada pelo Vigário Apostólico da Abissínia no dia 18 de julho de 1881. Pouco a pouco, Mariam Daarit se torna um Santuário popular para os cristãos e os muçulmanos.*

*Em 1941, um bombardeio muito grande perfurou o baobá, mas os soldados italianos que tinham encontrado abrigo nele não ficaram feridos. A brecha causada pela bomba ainda é visível.*

No dia 3 de agosto, depois de uma reunião particular com as Irmãs das duas Comunidades locais onde ela não pôde ir por causa da situação política entre Eritreia e a Etiópia, Irmã Evelyne e Irmã Wivine partilham com as Irmãs reunidas na Casa Provincial as notícias da Companhia e expressam seu reconhecimento pelo acolhimento recebido. Elas destacam o papel importante das Irmãs que acompanham as jovens, preparando-as a enfrentar as provações ligadas ao contexto político do país. Elas ressaltam também sua proximidade de vida e de coração com os pobres que sofrem de fome, da falta de liberdade.

No final do dia, ela visita a Casa de formação das Pré-Postulantes e das Postulantes em Embagaliano.

No dia seguinte, 4 de agosto, depois de uma conversa com o Conselho, Irmã Evelyne e Irmã Wivine viajam para Paris.

Agora, não temos palavras para expressar nossa alegria e nosso reconhecimento à Irmã Evelyne e Irmã Wivine pela afeição fraterna, atitude de escuta e interesse que demonstraram por tudo o que a Província vive. Que felicidade ser membro desta maravilhosa Companhia das Filhas da Caridade!

As Irmãs da Província da Eritreia

**Notas:**

<sup>1</sup> Anais, vol. 45, p. 12

### **TESTEMUNHO DAS IRMÃS**

Província de São Sebastião

#### **Missão do Chad**

#### **Colaborar com nossos irmãos protestantes**

Situado no centro do continente africano, o Chad é constituído por uma população estimada em aproximadamente 7 milhões de habitantes dos quais mais de 50% de muçulmanos e 35% de cristãos.

À pedido do Bispo, as Irmãs vieram, em 2002, a Bebalem, sudoeste do país, para o serviço da Missão Católica. O Bispo, nascido de uma família protestante, conhecia bem a realidade; ele nos explicou que era uma cidadezinha onde havia muitos protestantes que viviam relações muito difíceis com os católicos, especialmente no seio do hospital fundado pela Igreja Evangélica. Com efeito, se os católicos precisavam de tratamentos ou quisessem se matricular na Escola de enfermagem, eles deviam primeiramente receber uma catequese. Os habitantes preferiam levar seus doentes aos curandeiros ou feiticeiros ao invés de ir ao hospital.

Neste contexto delicado, começamos a fazer um esforço para criar relações com os habitantes do bairro. As empresas de eletricidade, de encanamento e outras eram administradas por protestantes. Fizemos apelo a eles para nossos pequenos consertos e para consertar as portas

e as janelas da Escola e do Centro de nutrição da Missão Católica. Isto permitiu nos conhecer melhor mutuamente e desenvolver entre nós relações respeitadas.

Reunimos também os funcionários do hospital com os quais, pouco a pouco, criamos vínculos. Primeiramente, conformamo-nos às suas decisões e tentamos defender o hospital de todas as críticas que nos foram ditas da parte de uns e de outros.

Nós que sempre vivemos em ambiente católico, era necessário aprendermos a viver num ambiente misto. Com efeito, mesmo se já tivéssemos lido e ouvido falar das conferências sobre ecumenismo, até o momento, isto permanecia na teoria. Dia após dia, aprendemos a viver o máximo possível esta realidade religiosa mista com humildade e simplicidade. Sabíamos também que eles também deviam viver a mesma trajetória ao lado deles e tornar-se dócil a este processo de ecumenismo. Progressivamente, uma aproximação se efetuou e as relações melhoraram. A situação mudou para todos: os católicos, agora, tinham direito aos tratamentos e os jovens poderiam se matricular sem dificuldade na Escola de enfermagem.

Um dia, o diretor do hospital nos pediu para colaborar com ele no serviço dos doentes. Em outubro de 2006, ele pediu verbalmente à Missão Católica para que duas Irmãs enfermeiras fossem trabalhar no hospital. Apresentamos este pedido aos Superiores que conversaram sobre o assunto com o Bispo. Por sua vez, o Bispo insistiu para que o pedido fosse feito por escrito. Mas, os líderes nacionais da Igreja Evangélica recusaram.

O diretor do hospital continuou insistindo, mas de nossa parte, não poderíamos responder-lhe afirmativamente no momento. Finalmente, em fevereiro de 2007, os líderes nacionais da Igreja Evangélica escreveram ao Bispo para o contrato de duas Irmãs enfermeiras a tempo parcial. No dia 23 de março, o Bispo veio falar pessoalmente com o diretor do hospital de Belem para assinar o contrato.

Começamos a trabalhar no hospital no dia 1º de abril de 2007. Nossa alegria era grande, pois esta data foi, para este ano de 2007, a da festa da Anunciação. Portanto, era um sinal da Virgem Maria para nós e, com ela, estávamos felizes em dizer sim a esta nova missão que era um passo real numa caminhada ecumênica.

Ao hospital faltam medicamentos e pessoal qualificado, mas o ambiente que aí reina é fraterno, os doentes são escutados e cuidados o melhor possível. Os alunos da Escola de enfermagem são bem formados e escutam os conselhos que podemos lhes dar. Trabalhamos com pediatria e cirurgia. Colaboramos com respeito e bondade, mas às vezes, sofremos a falta de meios para cuidar dos doentes mais pobres. Cada doente colabora com o pagamento das despesas de acordo com suas possibilidades e nós ajudamos aqueles que nada têm.

Pela manhã, antes de começar o trabalho, os funcionários do hospital se reúnem para rezar. Nós também participamos do tempo de oração, particularmente na quinta-feira. Em seguida, nos serviços, os funcionários do hospital rezam com os doentes.

As relações interpessoais não deixam de se aprofundar. Os doentes se sentem felizes de nos conhecer no hospital e, nós obedecemos ao chefe de serviço.

Depois da abertura do Centro de nutrição infantil pela Comunidade na Missão Católica, a colaboração com o Serviço de pediatria se intensificou. Com efeito, as crianças que recorrem ao Centro de nutrição devem sempre ser levadas ao hospital por causa de desnutrição grave.

Este modo de viver o ecumenismo no dia-a-dia nos ajudou a abrir nossos horizontes e a crescer no amor mais respeitoso e desinteressado. Este trabalho de colaboração tende realizar

a unidade dos discípulos de acordo com a oração de Nosso Senhor: “*Que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e, eu em ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste*” Jo 17, 21.

A Comunidade de Bebalem

## **TESTEMUNHO DAS IRMÃS**

Província de Varsóvia

### A alegria de estar a serviço das crianças com deficiências mentais

Nossa Comunidade dirige, entre outros, um Centro especializado para crianças e jovens com deficiências mentais. Quando falamos deste serviço, fazemo-nos sempre a seguinte pergunta: “*Que esperança você tem com estas crianças?*” E nós respondemos: “*somos felizes com elas, sobretudo, quando podemos ajudá-las a superar suas deficiências e acompanhá-las no caminho da fé. Mas, também, devemos dizer que recebemos muito delas: elas sempre nos ensinam verdadeiros valores evangélicos*”. Neste artigo, queremos partilhar com vocês como uma destas crianças, Dorotka, evangelizou sua família e, também a nós, por sua bondade e o testemunho de sua fé simples.

Dorotka chegou ao nosso Centro há 3 anos. Outrora, ela ia à Escola do bairro. Mas, um dia, ela conheceu as crianças de nosso Centro e, rapidamente, fez amizade. Ela pediu aos seus pais a permissão de ficar em nosso Centro. Tendo-lhe sido concedida a permissão, Dorotka chegou entre nós, voltando à sua família apenas no fim de semana.

Porém, era o tempo da preparação das crianças à primeira Comunhão. Dorotka quis também se preparar para este Sacramento. Mas, ela não era batizada. Depois de ter falado com seus pais, uma Irmã catequista a preparou para o batismo. No entanto, impôs uma condição: durante a preparação, Dorotka devia estar presente na Missa todos os domingos. Os pais respeitaram o desejo da filha e aceitaram a condição. Todos os domingos, eles chegavam para a Missa, às vezes, a avó materna e Katarzynas, a irmã mais nova de Dorotka, as acompanhavam.

A preparação para o batismo de Dorotka durou dois anos. Durante este tempo, os pais se uniram conosco e, um dia, eles confessaram que a mãe e a filha Kasia também não eram batizadas, que o pai não tinha feito a Primeira Comunhão, e que a avó não era praticante há muito tempo.

Na sexta-feira Santa do ano de 2007, a avó de Dorotka chegou à Missa em nossa casa muito radiante dizendo: “*Minha Irmã, depois de tantos anos, eu recebi o Sacramento da Reconciliação, se você soubesse o quanto eu estou feliz, meu coração está leve*”. A partir deste momento, a avó estava mais perto de Dorotka e a acompanha para a Missa no domingo.

Em abril de 2007, Dorotka é batizada em nossa Capela. Depois, em junho, com um grupo de crianças do Centro, ela recebe a comunhão pela primeira vez. Na semana seguinte, a família inteira estava junto de Dorotka. A mãe, vendo a felicidade de sua filha primogênita, diz: “Este dia virá, talvez, para nós...”

No final das férias do verão, os pais de Dorotka nos pediram para prepará-los aos Sacramentos. Enviamos-lhes a uma paróquia de Varsóvia onde todos os anos, os Padres dominicanos, preparam grupos de adultos para o batismo. Os pais freqüentaram assiduamente o catecismo, assim como sua filha Kasia.

Na vigília pascal do ano 2008, uma bela celebração se realizou na Igreja dos Padres Dominicanos de Varsóvia. Os pais de Dorotka e sua irmãzinha foram batizados, confirmados e

fizeram sua primeira Comunhão. Todos estavam contentes e quiseram partilhar sua felicidade com todo mundo. Um pouco depois, os pais de Dorotka receberam o Sacramento do matrimônio em nossa Capela. A família, os vizinhos, os amigos estavam lá para partilhar da felicidade deles. Realmente, para Deus, nada é impossível.

Como tudo isto foi possível? A mãe de Dorotka nos disse: “*É ela, a nossa estrelinha, que nos conduziu até aqui*”.

Assim, estes pais, que acolheram com amor sua filha deficiente, aprenderam a olhá-la como um dom de Deus. O Senhor, Ele, serviu-se dela para conduzi-los a Ele e ajudá-los a encontrar a felicidade do Evangelho.

A Comunidade de Łbiska

### TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Quase-Província

#### A visita do Papa Bento XVI na França

Motivado pelo jubileu de Lourdes: o 150º aniversário das aparições de Maria a Bernadete, o Papa Bento XVI veio à França de 11 a 15 de setembro de 2008. Ele quis realizar humildemente, como peregrino, as etapas da caminhada do jubileu, mas antes, ele foi acolhido cordialmente em Paris. Desde a entrevista coletiva realizada no avião que o traz à Paris, as televisões mostraram um Papa sorridente, aberto, atento aos fatos das subtilezas político-constitucionais da secularidade francesa, e se expressando de uma maneira agradável. Bento XVI tinha um recurso precioso: a língua que ele domina perfeitamente e que lhe permitiu impor, sem a tela da tradução, uma expressão particularmente serena. De Paris a Lourdes, estes 4 dias modificaram o olhar dos franceses sobre o Papa, mas também, o olhar do Papa sobre a Igreja de França. O charme da gentileza e da bondade de Bento XVI conquistou o povo francês. O acolhimento que a população francesa lhe reservou, muito calorosa nas ruas, bem como os católicos franceses, ultrapassou toda expectativa. O entusiasmo alegre e o fervor dos católicos foram impressionantes: 250.000 em Paris, quase o mesmo em Lourdes. O público jovem surpreendeu o Papa que, deixando a França, notou o quanto “o entusiasmo e a afeição” destes jovens o revitalizou.

Reconhecido como Chefe de Estado da Cidade do Vaticano, primeiramente, ele se encontrou com o Presidente da República, Nicolas Sarkozy que veio recebê-lo no Aeroporto. Ao **Elysée**, conversou com ele, alegrando-se num “diálogo sereno e positivo”. Bento XVI partilha suas preocupações diante de uma juventude marginalizada, frequentemente abandonada a ela mesma ou ao “comunitarismo religioso”. Em seguida, no **Colégio dos Bernardinos**, o Papa teve uma reunião com os representantes do mundo da cultura. Pensava-se que ele faria um grande panorama sobre os desafios do mundo moderno. Mas, ele preferiu fazer uma longa exposição sobre “as origens da teologia ocidental e das raízes da cultura européia”. Ele desenvolveu o que representava para a sociedade atual os fundamentos de uma cultura que “buscava Deus”. Esta cultura da verdade é um apelo a escapar dos ídolos que desviam o homem contemporâneo da busca da felicidade de viver com Deus. Para Bento XVI, o futuro do cristianismo se exercerá no campo da cultura. O discurso, complexo e acadêmico, seduz os Franceses. Este Papa tão sensível à cultura não pôde permanecer indiferente ao trabalho magnífico de restauração que aí acabava de ser feito. A intuição do Cardeal Lustiger de tornar visível a presença da Igreja em uma sociedade secularizada, mostra sua dimensão profética. O



Papa disse aos Bispos parisienses, o quanto estava muito surpreso com esta vitalidade. Em seguida, na Catedral Notre-Dame de Paris, a celebração das Vésperas com os Padres, os diáconos, os seminaristas, os religiosos e religiosas foi para o Papa a ocasião de insistir na escuta da Palavra de Deus. Depois, durante a vigília de oração com os jovens, ele confiou-lhes *“os tesouros da fé cristã que são o Espírito e a Cruz”*. O Espírito Santo *“abre à inteligência horizontes que a ultrapassam, mostra a beleza e a verdade do amor divino revelada pela Cruz”* lhes disse. A vigília teve por tema: *“Vamos à fonte da Vida”*, ela foi animada pelos jovens e os Irmãos de Taizé, com o testemunho de Jean Vanier. Foi um momento maravilhoso ver todos estes jovens e menos jovens reunidos pela mesma razão. À meia-noite foi a saída de todos os fiéis em uma grande procissão com luzes em direção da esplanada dos Inválidos onde o Papa ia celebrar uma Missa solene no dia seguinte. Esta procissão que formava um *“Caminho de Luz”* quis significar o caminho de nossas existências que acompanha a Luz de Cristo presente em nossas vidas.

Sábado, 13 de setembro, Bento XVI chega aos **Inválidos** no papamóvel. A multidão nas ruas ficou emocionada em ver o Papa e muitos ficaram impressionados por sua simplicidade e a doçura de seu sorriso. Na esplanada dos Inválidos, uma multidão de 240.000 fiéis o esperava para a Missa que ele ia presidir. Por causa da saturação da esplanada, os outros 200.000 fiéis foram acolhidos do outro lado da cúpula dos Inválidos, equipados com os maiores telões da Europa (100m<sup>2</sup>). Um coral de mais de 2.000 coristas animou os cantos no decorrer da celebração. A celebração eucarística foi um grande momento de comunhão com a imensa multidão dos crentes reunidos em torno do Papa. Bento XVI se mostrou um sucessor de Pedro com uma humildade impressionante. Ele fala da fé com a clareza que lhe é característica, durante uma liturgia simples, na qual houve um grande recolhimento. Um tal encontro, vivido na alegria, no fervor e na serenidade ao mesmo tempo, foi um acontecimento excepcional para todos e o testemunho de uma bonita comunhão na Igreja. À tarde, Bento XVI viaja à **Lourdes** para ser um peregrino entre os peregrinos. Chegando em Lourdes, o Papa entra nos Santuários pela porta São Miguel, a porta jubilar do 150º aniversário das Aparições. Em seguida, o Papa avança rumo à Gruta das Aparições: foi aí que a Virgem Maria apareceu 18 vezes à Bernadete entre 11 de fevereiro e 16 de julho de 1858. Uma criança do lugar oferece água de Lourdes ao Santo Padre. Em seguida, depois de ter acendido uma vela diante da Gruta, o Papa recita a grande oração do Jubileu de Lourdes. À noite, o Papa vai a pé ao terraço da Basílica Nossa Senhora do Rosário acompanhando a multidão dos peregrinos que levam velas na mão. O Papa pronuncia o primeiro discurso de sua peregrinação.

No domingo pela manhã, a bordo do papamóvel, o Papa entrou na esplanada dos Santuários onde seria celebrada a Missa do dia. Ele passa no meio dos peregrinos transbordantes de alegria. Foi o primeiro *“banho de multidão”* do Santo Padre em Lourdes. Neste dia em que a Igreja celebra a festa da Cruz Gloriosa, Bento XVI dirige sua homilia a partir do mistério da cruz presente em toda vida, este primeiro sinal que Maria dá em seu encontro com Bernadete. Esta *“síntese de toda nossa fé”* dirá Bento XVI nos convida, assim, a fazer este gesto com grande delicadeza. É também por este sinal que começa a meditação do rosário que nós rezamos porque é uma oração evangélica. À tarde, ele volta aos Santuários. Ele vai imediatamente ao hemiciclo Santa Bernadete para encontrar-se com os Bispos de França. Ele lhes manifestou sua confiança, animou-os em sua missão e destacou algumas dificuldades para o nosso país, hoje: a falta de vocações, a degradação da família, o lugar da Igreja Católica na sociedade francesa. Cada Bispo encontrou aí, palavra de conforto e apoio. Depois, o Papa vai à pradaria em papamóvel enquanto o Santíssimo Sacramento passa no meio da multidão dos peregrinos. O Papa e os peregrinos adoram Jesus presente no Santíssimo Sacramento.

O último dia, na esplanada da Basílica de Nossa Senhora do Rosário, o Papa se fez próximo das pessoas doentes e deficientes. Durante a Missa em que a Igreja celebra Nossa Senhora das Dores, ele administrou a unção dos enfermos a 10 pessoas e em sua homilia convidou cada um a contemplar no coração da provação *“o sorriso de Maria”* onde se reflete a nossa *“dignidade eminente de filhos de Deus. Com ternura e bondade, o Santo Padre soube*

encontrar as palavras para evocar com habilidade este sofrimento que “rompe os melhores equilíbrios de uma vida e abala as mais sólidas bases da confiança”.

O Santo Padre veio rezar serenamente e encontrar-se com aqueles que são seus irmãos e irmãs na fé. Ele nos permitiu viver um tempo extraordinário de paz, de oração e de comunhão e permanecerá para sempre em nossa memória. É necessário sublinhar a densidade espiritual das celebrações e a qualidade do silêncio da multidão. Obrigado Santo Padre por sua visita em França que suscitou entusiasmo tanto entre os católicos quanto no conjunto de nossos conterrâneos. Que este evento inesquecível nos dê força para continuar na confiança nosso caminho de luz.

Irmã Maria, *Filha da Caridade*

### TESTEMUNHO DAS IRMÃS

#### Um “Palio” para honrar os 150 anos de presença das Filhas da Caridade em Siena

O Palio de Siena (Palio delle Contrade) é o mais conhecido dos Palios italianos. É uma corrida de cavalos que é celebrada, duas vezes por ano, na cidade de Siena.

A primeira é 2 de julho e corresponde à antiga data da Visitação e a de uma festa local em honra da Madonna de Provenzano; a segunda, 16 de agosto, o dia seguinte da Assunção e é dedicada à Virgem Maria.

Os cavalos e os cavaleiros representam um dos 17 bairros da cidade e realçam as cores e as armas dos seus bairros. Esta manifestação popular anual imerge suas raízes longe: os Palios mais antigos datam da Idade Média. Em 1644, estas corridas revestiam-se de uma nova forma com regras bem precisas que são válidas ainda hoje.

O Palio não é uma manifestação organizada com uma finalidade turística, ela fez parte das tradições festivas da cidade. Uma grande parada com porta-estandartes, tambores, etc. precede a corrida que atrai espectadores do mundo inteiro. O Cortejo se conclui por uma carruagem que leva o Pallium, o Palio, cortina feita de seda realizada seja por artistas sineenses famosos ou por representantes contemporâneos.

Este ano, o Palio de 2 de julho foi oferecido às Filhas da Caridade de Siena, em reconhecimento pelos 150 anos da presença delas no serviço dos pobres.

O prefeito da cidade, Maurizio Cenni lembrou à população que *“as Irmãs continuam, ainda hoje, dedicando-se incansavelmente a serviço dos mais pequeninos e mais pobres”*.

A pintura em seda que compôs o troféu de 2 de julho de 2008 foi feita por Camilla Adami. Ela representava ao lado da Madona do Provenzano, pintada como uma mulher do 3º milênio, uma outra figura branca, sem rosto para, como o explicou o Senhor Prefeito: *“representar a atenção digna de elogios das Filhas da Caridade para com o próximo, e significar o anonimato de uma atividade tão importante em tempos tão difíceis para os mais fracos. Hoje, este prêmio, é o reconhecimento solene para as Filhas da Caridade de Siena pelos 150 anos de presença e de serviço discreto no dia-a-dia, vivendo o carisma de São Vicente longe dos refletores... Certamente, a dedicação de um Palio não é suficiente para expressar o agradecimento que elas merecem, mas é especialmente um encorajamento para continuar vivendo seu importante carisma a serviço das pessoas mais frágeis de nossa sociedade”*.

Em seguida, Roberta Ferri explicou a pintura do Palio: *“É uma Irmã sem rosto para não se limitar a personificar aquela que dá sua vida aos outros, mas no oval do rosto cingido pela corneta, seu antigo adorno de cabeça, podemos ver os rostos de todas as Irmãs. Cada um a preencherá com suas próprias recordações e seus próprios sentimentos, permanecendo aberto para recolher outros fragmentos de imagens”*.

Este reconhecimento, por parte de nossa cidade, às Filhas da Caridade, é um encorajamento “a fazer mais”, como dizia São Vicente, e a traçar novos sulcos de esperança e de amor.

Irmãs da Província

## **PALAVRA DOS POBRES**

Quase-Província

### Meu encontro com Bento XVI

No dia que eu estava em Paris para buscar Lori, meu amigo da América que chegava no Aeroporto, o Papa também estava em visita na capital. O hotel onde fiquei hospedada com Lori fica situado na Avenida da Bourbonsais, entre os Inválidos e a Torre Eiffel, portanto, estávamos exatamente no caminho que Bento XVI ia passar. Devo confessar que tendo morado durante 40 anos nos Estados Unidos, o Papa tinha pouca importância em minha vida e, além disso, ele estava longe de ser meu favorito, achando-o muito frio e restrito em seu modo de pensar. Era o que eu pensava até este dia quando meu olhar cruzou com o seu.

No final da manhã, logo que chegamos ao hotel, Lori e eu, decidimos fazer um passeio no bairro para admirar os monumentos. Na saída, nos deparamos com uma barreira de policiais que nos impediram de atravessar a Avenida. Os policiais nos explicaram que o Papa ia à Lourdes e passaria por ali no “papamóvel”. Então, Lori e eu, ficamos na calçada na primeira fila falando que embora ele fosse um pouco indiferente, seria interessante vê-lo.

Quando o papamóvel chegou, fiquei fascinada por este carro; em seguida, vi o Papa dentro saudando as pessoas acenando com as mãos. Seu sorriso de compreensão era impressionante. Depois, Bento XVI chegou ao meu nível e, de repente, tive a impressão que ele me olhava e me sorria pessoalmente. Senti uma emoção viva quando ele me olhou, foi como se Deus estivesse me olhando através dele e meu coração estava como que mudado totalmente. Alguns segundos depois, Lori se volta para mim dizendo-me que o Papa o olhara nos olhos. Penso que Bento XVI tem uma maneira de olhar intensamente as pessoas para transmitir o amor de Cristo que o habita. O que eu sentia no mais profundo de mim mesma me fez pensar na experiência de Zaqueu que queria ver Jesus por curiosidade e que, graças ao olhar de amor de Jesus, muda sua maneira de ver e de viver. E para mim também, a partir deste dia, meu modo de olhar a Igreja e seu guia espiritual mudou completamente.

Quando vi na televisão esta multidão de fiéis vindos celebrar a Eucaristia presidida pelo Papa na esplanada dos Inválidos, compreendi o quanto é importante para os cristãos ter um Pastor que os sustente, os ame e os reúna. Esta visita suscitou, em toda Paris, um grande movimento de fraternidade, desenvolvendo em cada um, o desejo de partilhar o melhor deles mesmos.

Este olhar de Bento XVI realmente mudou algo em minha vida. Descobri nele, um homem apaixonado pela verdade a ponto de ter a coragem de recordar com clareza ao nosso mundo, os valores do Evangelho. Agora, compreendo melhor a bondade do Senhor que nos ama a ponto de nos dar um Papa para nos proteger de uma vida de transbordamentos e de caos e para nos lembrar, em tempo e contra-tempos, de escolher a verdadeira felicidade de acordo com o coração de Deus.

Liliane

### **NOTÍCIAS BREVES**

#### **Irmã Evelyne Franc Auditora Na XII Assembléia geral ordinária do Sínodo dos Bispos em Roma 5 - 26 de outubro de 2008**

De 5 a 26 de outubro de 2008, uma delegação de Bispos do mundo inteiro se reúne em Roma, por ocasião da XII Assembléia geral ordinária do sínodo dos Bispos. “A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja” é o tema deste tempo de trabalho. A busca de Deus em sua Palavra é um tema que se inscreve na continuidade do Sínodo dos Bispos sobre a Eucaristia, em 2005.

Os 253 Cardeais, Arcebispos e Bispos delegados representam as 13 Igrejas Católicas orientais, 113 Conferências episcopais latinas e 25 Discatérios romanos, assim como também a União dos Superiores gerais. Assistem a estas reuniões 41 Peritos e 37 Auditores dentre os quais Irmã Evelyne Franc. Para a Superiora geral, é uma forte experiência de Igreja em torno do Papa e dos Bispos do mundo inteiro que farão um esforço para apresentar proposições a fim de servir a Igreja inteira, assim como descobrir a Palavra de Deus e melhor vivê-la.

Pela primeira vez, o Sínodo foi inaugurado na Basílica São Paulo fora-dos-muros, para recordar que este ano, a Igreja celebra o ano dedicado a São Paulo, por ocasião dos 2.000 anos do nascimento deste Apóstolo.

Depois da primeira semana de trabalho, vários Auditores e Auditoras intervieram durante a 14ª Congregação geral, inclusive Irmã Evelyne. Nossa Superiora apresentou seu testemunho em presença do Santo Padre sobre a Palavra de Deus no serviço dos pobres, mas também, na pastoral da juventude e devoção popular.

### **NOTÍCIAS BREVES**

#### **O nascimento de uma estrela**

Fundadora da Província da Venezuela, Irmã Magdalena Vásquez Trujillo celebrou seus 100 anos no dia 29 de novembro de 2007. Neste dia, Irmã Magdalena foi com uma Irmã à Rádio Maria para ser entrevistada e testemunhar sua fidelidade e seu amor à Santíssima

Virgem. Irmã Madgalena sempre teve muita admiração por esta emissora de Rádio Católica, de finalidade não lucrativa, que se esforça simplesmente em esclarecer e alimentar a fé dos cristãos. Cada manhã, depois de ter rezado as Laudes, a meditação e o terço, Irmã Magdalena escuta com muita assiduidade as emissões desta Rádio Católica.

Um dia, enquanto ela se perguntava, o que poderia ainda fazer pelos outros apesar de seus limites físicos, ela se disse: *“É preciso que eu encontre um meio para sustentar financeiramente a Rádio Maria”*. E continua sua reflexão: *“Já que as estrelas brilham e iluminam, vou fazer uma estrela com cinco pontas como aquelas que cercam a cabeça da Virgem das graças. Em cada ponta, vou escrever um nome. Qual? Eu ainda não sei! Vou falar desta ao redor de mim e lhes direi que uma estrela custa 100.000 bolívares, e uma ponta, 20.000”*.

“Telefone, então, à minha amiga Carmen que me diz: *“Estou de acordo, vou enviar-te os 100.000 bolívares”*. Assim, nasceu a primeira estrela. No dia seguinte, preparo minha caderneta de endereços. Telefono ao primeiro nome de minha lista e apresento-lhe minha idéia. A pessoa me disse: *“Uma ponta: 20.000 bolívares? Não é muito!”* Eu lhe respondo: *“Peço pouco para ter muito”*. E assim sucessivamente. Graças a Deus isto funciona muito bem”.

Irmã Magdalena continua suas buscas e, assim, ela ainda pode sustentar esta Rádio Católica, não só por sua oração, mas também, financeiramente. Em agradecimento, ela comunica à Rádio Maria o nome de seus benfeitores a fim de que suas intenções sejam consideradas na oração dos fiéis. Sim, realmente, o amor é inventivo! (Província da Venezuela).

## NO TEMPO DE SÃO VICENTE... E HOJE

### **II. ESPIRITO SANTO, QUE FAZES TU?**

Não esqueçamos de que o Padre Vicente era gascão. E uma interrogação como esta: Espírito Santo, que fazes Tu? Poderia ter tido em seus lábios, pelo menos duas entonações diferentes.

A primeira teria sido um pedido de informação ou de um desejo de conhecer melhor o papel do Espírito Santo na Igreja e no mundo; ele teria expressado a sede natural de um cristão, esta sede que sentimos nesta tarde.

A segunda entonação poderia ser diferente: “Mas, enfim, Espírito Santo o que fazes Tu, então?” Este é o tipo de questionamento que se faz quando não se compreende muito, quando se tem a impressão que Ele vai longe, que faz correr muito risco, que não é mais sensato e que Ele se torna quase injusto, em permitir, por exemplo, o sofrimento ou a morte de seres inocentes. Mas, enfim, Espírito Santo, que fazes Tu então?

Antes de vir à entonação que é a nossa esta tarde e para permanecer fiéis a São Vicente e às nossas reações de cristãos diante de todas as misérias e injustiças de hoje, devo, ao menos, mencionar os tempos e os gritos de revolta do Padre Vicente na sua fé. Darei apenas dois exemplos.

No dia 24 de julho de 1655, durante uma partilha de oração, o Padre Vicente rapidamente exclama: A guerra está em todos os reinos católicos: guerra na França, na Espanha, na Itália, na Alemanha, na Suécia, na Polônia, atacada por três lugares, em Hibernia, até nas pobres montanhas e rochedos quase inabitados. A Escócia não está melhor; A Inglaterra, sabe-se o estado deplorável em que se encontra. Guerra em todo lugar, miséria em todo lugar. Na

França, quantas pessoas sofrem! Ó Salvador! Ó Salvador! Si em quatro meses que vivemos a guerra aqui, tivemos tanta miséria no coração da França, onde os víveres eram abundantes em toda parte, o que podem fazer estas pobres pessoas das fronteiras que estão na miséria há vinte anos? Sim, há vinte anos que elas estão sempre em guerra, – se semeiam não estão seguros de colher; as forças armadas vêm, devastam, arrancam; e o que os soldados não pegam, os sargentos pegam e levam consigo. Depois disto, o que fazer? O que vir a ser? É necessário morrer. Se há uma verdadeira religião... o que eu disse, miserável!...se há uma verdadeira religião! Deus me perdoe! Falo materialmente. É entre elas, é entre estas pobres pessoas que se conserva a verdadeira religião...”( Coste XI, 200-2001 ).

Sem dúvida, vocês sentiram que neste dia, na oração de São Vicente, o cálice estava cheio e transbordava na oração de São Vicente, face a tanta miséria. Mas, Espírito Santo, que fazes Tu, então?

No dia 24 de agosto de 1657, Vicente acaba de saber que um dos seus melhores irmãos e amigo, foi acometido pela peste e ele exclamou: “ É esta, Senhor, a recompensa que dais aos vossos servos, a este homem no qual nunca encontramos a menor falta, ele que permaneceu firme como um rochedo, no lugar onde a vossa Providência o colocara, apesar de todas as calamidades da guerra, peste e fome? No entanto, eis como Deus trata seus servos”. (Coste XI, 408). Espírito Santo, que fazes Tu, então? Todavia, após estas exclamações de revolta, na oração, Padre Vicente deixa-se invadir pela confiança.

Desejei evocar a entonação particular que podia tomar o questionamento por fidelidade a São Vicente, e também, em relação ao que, muitas vezes, sentimos hoje face a tanta miséria ou injustiça que atinge com frequência os inocentes. É bom saber que a fé e a oração do Padre Vicente conheceram também momentos de incerteza, de angústia e, até mesmo, de revolta, momentos em que o Cristo, Ele mesmo, quis experimentar, no jardim do Getsêmani, antes de sua morte. Mas, a questão desta tarde, pode ter uma outra entonação: a entonação de cristãos que desejam saber mais sobre a ação do Espírito Santo na Igreja. Pediram-me para lhes apresentar a experiência e o pensamento de São Vicente sobre a ação do Espírito Santo na Igreja-Instituição e mesmo na Igreja-hierárquica.

Numa primeira abordagem, isto parece-me restringir nosso assunto, mas não precisa inquietar-se. O Padre Vicente não gostava de ser fechado ou encerrado no institucional. Vocês podem ter confiança nele. Rapidamente, ele vai tratar sobre estes assunto e levar-nos além das estruturas, da instituição, do poder, até a redescoberta de Jesus Cristo no pobre. Pois, para ele, este era uma das funções essenciais do Espírito na Igreja e no mundo: converter nosso olhar, nossa mentalidade e nosso comportamento na sociedade, à luz das Bem-aventuranças. Bem-aventurados os pobres, bem-aventurados aqueles que têm fome, bem-aventurados os artesãos da paz, bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça!

Espírito Santo, que fazes Tu na Igreja? Trabalho o coração dos cristãos para que tenham uma melhor compreensão e para a realização das Bem-aventuranças entre os homens. Nisto veremos, o essencial da resposta de São Vicente ao questionamento que fazemos a nós mesmos. Mas, a proximidade e a descoberta da ação do Espírito na Igreja foram longos, hesitantes, por vezes, contraditórios. Se vocês desejam, vamos seguir o Padre Vicente nesta aproximação e partilhar suas descobertas.

Para resumir pode-se dizer que Vicente de Paulo percorreu três etapas:

- Ele entrou na Igreja-Instituição, precisamente, sob o ângulo da hierarquia, esperando promover-se ao mais alto nível e o mais rápido possível.

- Em 1617, com a idade de 36 anos e 17 anos de sacerdócio, fez duas descobertas quase simultaneamente: a do pobre e dos leigos na Igreja. Isto transforma completamente sua concepção de Igreja: sociedade hierárquica seguramente, mas antes, projeto missionário, Igreja enviada, e enviada especialmente aos pobres.

- Depois desta conversão no sentido forte da palavra, a terceira etapa foi, para Vicente, uma longa maturação e um aprofundamento, durante a qual as funções na Igreja foram, aos poucos, redefinidas e distribuídas.

A partir daí, o Espírito Santo de Vicente foi o de Isaías, retomado por Cristo em Lc 4, 18: O Espírito de Deus me consagrou e me enviou a levar a boa nova aos pobres. O Papa, é antes, aquele que tem o poder de enviar por toda parte do mundo. O Bispo é, em seguida, o responsável pela Missão na porção da Igreja. Padres e leigos são, enfim, os colaboradores e os co-responsáveis com o Bispo, por esta missão. Como se está longe da Igreja dos poderes e das dignidades com as quais o jovem Vicente de Paulo havia sonhado! Retomemos agora este percurso etapa por etapa.

## **1 – IGREJA – INSTITUIÇÃO / IGREJA – HIERÁRQUICA.**

Vocês se lembram, certamente, destas motivações familiares que tinham levado o jovem Vicente a entrar no Colégio dos Franciscanos de Dax, depois na Universidade de Toulouse. Um tio de Vicente que se tornou Padre pode ajudar os seus. Por que Vicente não poderia fazer o mesmo? Ele não era o mais velho dos filhos e se revelava pleno de aptidões e de possibilidades. Foi assim que ele se orientou para o sacerdócio rapidamente. Recebeu a Tonsura e as Ordens menores em 20 de dezembro de 1596 em “Bidache” na Diocese de “Bayonne” com a idade de 15 anos e meio. Foi ordenado Sub-diácono em 19 de setembro de 1598, em Tarbes e Diácono no dia 19 de dezembro: ele tinha dezessete anos e meio! No dia 23 de setembro de 1660, com a idade de dezenove anos e meio, foi ordenado Padre em Château-l’Evêque, Diocese de Périgueux. Não ignorem que esta precipitação incomodou um pouco os primeiros biógrafos de Vicente de Paulo. Estes encontraram um meio infalível e radical para camuflar esta sombra do cenário: eles adiantaram em cinco anos a data do nascimento de Vicente, o que permitia fixar a ordenação sacerdotal com uma idade mais conforme com as prescrições do Concílio de Trento! Na parte de cima, de uma das portas laterais da Capela do Berceau, podemos descobrir como data de nascimento de Vicente: 1576 ao invés de 1581!

Vicente havia entrado numa Igreja na qual ele acreditava, evidentemente, mas que abordava sob o ângulo institucional e hierárquico. Em 1595, ele não era nada mais do que um pobre pastor e devia sua promoção aos sacrifícios dos seus, aos quais desejava devolver o que lhes devia, tomando um lugar na Igreja-hierárquica o mais rápido e o mais alto possível.

Após sua ordenação sacerdotal foi-lhe proposta a paróquia de Tilh nas Landes. Mas este benefício lhe foi negado e ele preferiu não levar o caso à justiça. Se ele fez opção pela Universidade de Toulouse não era para ser um pároco do campo!

Em 1604, com a idade de vinte e três anos, pensa obter uma Diocese que está livre na região de Bordeaux, mas o negócio não deu certo. Após numerosas aventuras, encontramos o nosso jovem Gascão em Paris, com o título de Capelão na Corte Real de Margarida de Valois. Em seguida, passa a ser Pároco de Clichy e, enfim, preceptor na Casa dos Gondi, uma das famílias mais poderosas do Reino. Ele conservava, ao mesmo tempo, o título e a remuneração de Clichy, bem como a de uma Abadia próxima de La Rochelle, da qual se tornou proprietário em maio de 1610, à que era necessário acrescentar as percentagens ligadas a um título de cônego d’Ecouis em Eure, que ele tinha adquirido.

Espírito Santo, que fazes Tu? Podemos bem nos perguntar com uma entonação de surpresa e de dúvida, neste ponto do itinerário do Padre Vicente. Então, quem teria podido imaginar, o que viria depois? Quem teria podido reconhecer nesta fanática ambição o futuro São Vicente de Paulo.

Mas, o Espírito, aquele de Isaías e de Lc 4, 18, aquele que envia aos pobres, estava agindo. No momento em que Vicente pensava ter todas as chances em mãos, foi a noite e a dúvida, uma longa noite de três anos, durante a qual Vicente colocou tudo em causa até ele mesmo. Foi no término desta noite que aconteceu o seu primeiro encontro com os pobres.

Os pobres, ele os conheciam. Ao longo dos seus primeiros catorze anos, ele mesmo tinha sido pobre, mas chegando a ser Padre (isto é terrível dizer), ele tinha mudado de lado. Eis que o velho homem de Gannes, do qual já falamos, na sua imensa alegria de encontrar um Padre antes de morrer, o interpelara, provocara, perturbara, mesmo sem que ele percebesse.

É verdade que depois de três anos, Vicente de Paulo refletia e se interrogava. O Espírito Santo, por sua vez, preparava o terreno, e a simples alegria do pobre que estava para morrer, enfim agradecido, foi o sinal que Ele enviou e o impulso que Vicente esperava... “O Espírito de Deus repousa sobre mim... Ele me consagrou... e me enviou para levar a Boa Nova aos pobres...” (Is 61,1). Após dezessete anos de sacerdócio, Vicente compreendeu, enfim, que ele se enganou. Ele acreditava e havia sempre crido na Igreja; mas como muitos dos seus contemporâneos, ele a abordara como um poder e uma hierarquia. Um pobre o havia colocado no bom caminho. Vicente toma a decisão de deixar e abandonar tudo: torna-se um pároco do campo em Châtillon-les-Dombes, não muito longe da paróquia d’Ars em “Lyonnais”...

## 2. O POBRE E O LEIGO

Estas duas descobertas foram simultâneas e complementares. Em agosto de 1617 Vicente de Paulo tinha trinta e seis anos. Havia o pobre há alguns meses, em uma pessoa que temia morrer sem antes ter encontrado um Padre. A alegria que este idoso testemunhou depois do encontro com Vicente, provocou e inquietou o pastor que há dezessete anos era prisioneiro de um esquema de Igreja “Instituição-hierarquia”. Mas, o Espírito estava sempre em ação...

Apenas havia chegado em sua nova paróquia (justo três semanas após sua instalação), Vicente de Paulo se encontra diante de uma outra situação de pobreza. Uma família ignorada e abandonada de todos no fim do povoado, estava acometida por uma doença. Esta situação ultrapassava, evidentemente, as possibilidades e os recursos do novo Pároco, que acabando de chegar, não conhecia ainda ninguém. Mas, depois do encontro com o velho de Gannes, os pobres passaram a ser uma prioridade para Vicente. Ele lança, então, do alto do púlpito um vibrante apelo: “Eu lhes falava” dirá Padre Vicente, “com muita emoção...” (Coste IX, 209). Isto foi para ele uma segunda descoberta primordial: a resposta massiva do laicato. Deixo a palavra ao Padre Vicente “... Eu me paramentava para celebrar a Santa Missa, quando vieram me dizer que em uma casa longe das outras... todas as pessoas estavam doentes... Isto me tocou profundamente o coração. Não deixei de os recomendar, com afeição, durante a homilia., e Deus tocando o coração daqueles que me escutavam, fez com que eles ficassem emocionados e tomados de compaixão por estes pobres aflitos. Depois do jantar, foi feita uma reunião na casa de uma bondosa senhora do lugar, para ver que socorro poderia ser dado, e cada um se dispôs a visitar e consolar com suas palavras a família e ajudá-la de acordo com suas possibilidades. Após as vésperas chamei um homem burguês honesto da vila. E nos tornamos companheiros de caminhada para irmos até lá. Encontramos no caminho as mulheres que nos antecederam e um pouco adiante, outras que voltavam. Como era no verão, época de grande calor, estas boas senhoras sentavam-se ao longo do caminho para repousar e refrescar-se. Enfim... havia tantas que até poderia dizer-se que vinham em procissões (Coste IX, 243). Era o ano de 1646, logo, vinte e nove anos mais tarde, que Vicente evoca esta maravilhosa lembrança, e por suas palavras sente-se bem agora toda sua emoção e admiração. Sim, isto foi para ele, uma grande descoberta como a dos leigos na Igreja. Até este dia, em sua concepção, e no seu projeto pessoal, esta era uma Instituição-hierárquica, indo do Papa ao Padre, passando pelo Bispo. No domingo, 20 de agosto de 1617, percebeu rapidamente e de maneira inesperada a importância do leigo, particularmente, na resposta aos apelos dos pobres.

Tratava-se para Vicente de duas descobertas simultâneas: a presença dos pobres na Igreja, e a importância dos leigos na Igreja para o serviço dos pobres. Esta foi, creio, uma das chances e das graças privilegiadas com as quais Vicente de Paulo foi favorecido. Isto foi também, um dos aspectos que mais caracterizou sua busca e seu espírito: descobrir, ao mesmo tempo, o lugar do pobre e o papel do leigo na Igreja. E não acreditem se tratava de uma coincidência. Conhecendo um pouco o contexto histórico e eclesiológico da época, creio poder dizer que isto foi uma reviravolta na reflexão e na prática da Igreja. A tal ponto que a relação Igreja/Pobre passava pelos padres (os Padres do Século XVII que pareciam com Vicente de Paulo, antes de sua conversão). Esta relação era fatalmente poluída pelo paternalismo, como se diria hoje. No dia 20 de agosto de 1617 em Châtillon-les-Dombes, Padre Vicente suscita, sem



perceber, uma nova corrente de caridade, uma caridade que veio a se tornar **solidariedade**, igual ou mais do que beneficência. Este movimento mudou e purificou tudo. É claro, a força do costume reapareceu depressa. Após a experiência de Châtillon, Vicente começa as Confrarias da Caridade, isto é, as equipes de leigos concebidas para cuidar dos pobres, em cada setor e em cada paróquia. Conservamos dezenove regulamentos que mereciam ser estudados, hoje, para observar a preocupação e o respeito pela promoção social do pobre. Mas, é necessário, reconhecer honestamente que apesar dos esforços de Vicente de Paulo, a gangrena do paternalismo atingiu mais ou menos, até mesmo as primeiras equipes de leigos, muitas vezes, patrocinadas pelas grandes Damas do lugar. Esta foi mais tarde uma das razões da Fundação das Filhas da Caridade que em suas origens eram jovens vindas de meios pobres, que serviam a outros pobres. Eh sim! São Vicente foi sem dúvida o iniciador do apostolado do meio, pelo meio, porque foi ele quem no século XVII confiou aos pobres o cuidado de servir e evangelizar os pobres.

Não importa o que seja, lembremos que no dia 20 de agosto de 1617 em Châtillon-les-Dombes, Vicente de Paulo tomou, simultaneamente, consciência da prioridade dos pobres na Igreja e do papel insubstituível dos leigos. Estamos longe do ambicioso, ordenado Padre aos dezenove anos e meio, com o desejo de, rapidamente, subir na vida! Os pobres... os leigos... são as duas descobertas vicentinas de 1617. Desde então, Vicente vai conceber e viver uma outra Igreja: a Igreja do Espírito.

### **3. A IGREJA DO ESPÍRITO.**

Depois deste famoso ano de 1617 até sua morte em 1660, Padre Vicente aprofundou a experiência que vivera. Pouco a pouco, por sua palavra, pelos seus escritos e, sobretudo, por sua ação, ele dará à Igreja, em colaboração com alguns outros grandes contemporâneos, um novo rosto; um rosto mais missionário do que hierárquico; o rosto de uma Igreja mais militante e serva do que rica e governante. É certo que nada chega a ser subitamente perfeito, a Igreja permaneceu humana, mas incontestável, um grande passo tinha sido dado. Tentemos narrar, em grandes linhas, a caminhada de São Vicente para uma Igreja do Espírito.

Em sua revisão de vida após os grandes acontecimentos do ano de 1617, um texto do Evangelho de Lucas lhe vem sempre à memória e se faz presente em sua oração. Era como uma luz que lhe permitia compreender a experiência vivida com os pobres e com os leigos. Este texto que já citei é uma palavra do profeta Isaías, que o Cristo tomou para si no início de sua vida pública: O Espírito de Deus está sobre mim, porque Ele me consagrou e me enviou para levar a boa nova aos pobres. Este texto passa a ser evidentemente a base da espiritualidade de Vicente de Paulo e, particularmente, a base de sua nova concepção de Igreja.

Tudo parte, então, do Espírito de Deus e é bem a resposta ao questionamento que fizemos: Espírito Santo, que fazes Tu? O Espírito consagra e envia... Vicente mostra-se muito atento à precisão dada por Isaías e retomada por Cristo: Ele envia para anunciar a boa nova aos pobres. A partir daí, se se pode dizer (desculpem-me a metáfora!), vai-se passar da idéia de TRONO para a dinâmica de MISSÃO.

Em lugar de uma concepção de preferência institucional e hierárquica, fala-se, com efeito, para o Papa, de Cátedra de Pedro ou de Santa Sé, e para os Bispos de Sede Episcopal. Neste vocabulário e nestas imagens tradicionais, há muitos valores essenciais que Vicente conhecia e reconhecia e, até mesmo, defendia (sobretudo, neste período de afrontamento com o protestantismo): os valores como a sucessão apostólica, a unidade, a colegialidade, etc... Mas, tomado pelo movimento do Espírito que envia até o fim do mundo, e em reação contra a responsabilidade muitas vezes percebida e vivida, então, na Igreja como um poder, Vicente de Paulo redefinia, de qualquer maneira, a hierarquia em todos os níveis, a partir do Papa até o leigo, sobretudo, até o pobre e em relação aos pobres. “Ide pelo mundo inteiro e pregai o Evangelho a toda criatura. Estas são as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, retiradas de São Marcos, capítulo 16. Parece-me senhores que estas palavras de Nosso Senhor, ditas aos apóstolos após sua ressurreição são também endereçadas a toda a Companhia e em particular a

àqueles que são destinados à pregação. Ó Salvador, nós temos as mesmas cartas de envio que receberam os Apóstolos” (Coste XI, 257-258).

Prestem atenção na insistência que Vicente de Paulo coloca sobre a palavra envio, sobre o verbo enviar. Estamos bem na linha de Isaías e de Lucas 4, 18; na linha do Espírito. Para Padre Vicente, o Papa é aquele “que unicamente tem o poder de enviar por toda a terra” (Coste XI, 421) em vista de anunciar o Evangelho; e Vicente não faz outra coisa a não ser crer e afirmá-lo. Quando o Papa pediu-lhe enviar missionários a Madagascar, ele aceita sem hesitação, embora tenha sido um empreendimento muito arriscado, e para a Congregação uma aventura que ia reduzir os missionários, muitas vezes, os mais competentes e os mais jovens: uma verdadeira batalha! Que importa... e era a ele de dizer: Há, sem dúvida, muitos pobres em vosso país... mas em Madagascar, há bem mais pobres abandonados... e eu vos envio!

Nesta nova Igreja do Espírito tal como Vicente de Paulo encarava e a vivia seria a mesma para o Bispo responsável pela Missão na Diocese. Vicente pensava que toda iniciativa pastoral devia ser refletida, decidida e organizada com ele e, em consequência, ele agiria. Quantas coisas deveriam ser ditas sobre este ponto! Quando leio alguns textos de São Vicente, chego mesmo a me perguntar se ele não havia lido os Documentos do Vaticano II!

Evocarei aqui somente um aspecto característico. Vicente de Paulo teria, então, fundado, entre outros, um extraordinário agrupamento de leigos, bem como a Congregação dos Missionários e a Companhia das Filhas da Caridade. Antes dele, houve muitos fundadores e ainda muitos no século XVII. Todos, mais ou menos, com um incontestável desejo de servir a Igreja, de acordo com o seu carisma, tendo tido a preocupação maior de uma certa autonomia, para preservar sua personalidade e sua especificidade. Isto podia muitas vezes se compreender levando em conta os problemas de recrutamento, assim como, a falta de formação e o comportamento de muitos Bispos: os Bispos da Sede, antes que os Bispos do Espírito! Não esqueçamos que com vinte e três anos e meio, Vicente por pouco não foi um destes Bispos....

A grande preocupação de Vicente de Paulo em suas fundações, foi sempre a de manter um relacionamento vital com o Bispo do lugar. Foi neste espírito que ele escreveu em 1631, ao Co-irmão que tinha enviado como delegado a Roma, para se ocupar da aprovação da Congregação”. Deveis fazer entender que o pobre povo se condena, por falta de saber as coisas necessárias à salvação e por falta de confissão. Que se Sua Santidade soubesse desta necessidade, não teria repouso, e que faria o possível para colocar ordem nisto; e que é por este conhecimento que erigiu-se a Companhia, para de qualquer maneira remediar esta situação; e para se fazer isto é necessário viver em Congregação e observar 5 coisas fundamentais neste desígnio: 1º de deixar o poder aos Bispos de enviar os missionários na parte de sua diocese que desejar. 2º que os Padres sejam submissos aos párocos onde eles forem pregar a missão, durante o tempo de durabilidade desta..” (Coste I, 115).

Vêde quais eram os níveis de formação, de santidade ou de desinteresse de muitos Bispos de seu tempo (e mais ainda dos párocos!), Padre Vicente tinha decidido viver na lógica da Igreja do Espírito, desejando sempre, a todo custo, permanecer fiel àqueles que tinham o poder de enviar. No texto acima (I, 115), Padre Vicente falou dos Párocos das Paróquias. Este degrau da hierarquia, tal como existia no tempo de Vicente, mereceria que se falasse longamente dele, mas não temos tempo.

Padre Vicente teve julgamentos muito severos a respeito dos Padres de seu tempo, e assim, ele foi um dos grandes promotores e fundadores de Seminários. Ainda neste assunto da hierarquia, talvez especialmente neste nível, a Igreja do poder tinha freqüentemente ultrapassado a Igreja do Espírito, e o desejo de promoção social freqüentemente era mais forte que a vocação de evangelização dos pobres. O bom Padre Vicente se lembrava sem dúvida de um certo Padre jovem de 19 anos e meio, tão apressado em se promover, no dia em que ele exclamou durante uma conferência: “Ó Senhores e meus irmãos, como devemos pedir a Deus... e fazer algum esforço por esta grande necessidade da Igreja que vai se arruinar em muitos lugares pela má vida dos Padres, - porque são eles quem a perdem e quem a arruinam, - e é muito verdade, que a depravação do estado eclesiástico é a causa principal da ruína da Igreja de Deus. Eu estava nestes últimos dias numa Assembléia onde havia sete prelados que refletiam

sobre as desordens que se vêm na Igreja, diziam altamente que eram os presbíteros a principal causa destas. Portanto, são os Padres; sim, somos a causa desta desolação que saqueia a Igreja” (Coste XI, 308-309).

O que Padre Vicente denunciava mais que tudo, e certamente se referindo à sua própria experiência, era o abandono dos pobres: “Os pobres não são os membros aflitos de Nosso Senhor? Não são eles nossos irmãos? E, se os Padres os abandonam quem vocês querem que os assista?” (Coste XII, 87). Quando o Padre, diferentemente do Bispo e do Papa, está no local, quando este Padre perde o contato com o pobre, de acordo com Vicente de Paulo é toda a corrente da Igreja que é quebrada; é a palavra do profeta Isaías retomada por Cristo que perde sua finalidade. Mais uma vez, vocês vêm que São Vicente continua lógico e fiel, em sua concepção de Igreja do Espírito.

Talvez, vocês tenham observado na passagem o questionamento de Padre Vicente: “Se os Padres abandonam os pobres, quem vocês querem que os assista?” QUEM? Desde 1617, depois da maravilhosa experiência de Châtillon, Vicente tinha a resposta. Quem? O laicato. Claro que ele não o considerava de jeito nenhum, como uma espécie de produto de substituição ou de compensação: pelo contrário. Quanto mais ele aprofundava sua descoberta de Igreja do Espírito, mais lhe era impossível separar sacerdócio e laicato. Ele se lembrava deste sermão espontâneo, vindo do coração (com que eloquência!), sobre o caso de pobreza em Châtillon; ele se lembrava da resposta inesperada dos leigos, e da primeira equipe de Senhoras constituída três dias depois.

Para resumir e concluir, lembrarei apenas dois aspectos da reflexão e do procedimento de São Vicente em matéria de leigos; dois aspectos desafiantes, talvez, revolucionário para a época... (época do Rei Sol).

Primeiramente, Padre Vicente tomou consciência da vocação do leigo em matéria de evangelização; em seguida, no laicato, ele restituiu às mulheres o seu devido lugar. Ele considerava o laicato como co-responsável pela evangelização dos pobres com o Bispo e os Padres. Bem antes de São Vicente, já existiam organizações de leigos para prover às necessidades dos pobres; porém, freqüentemente, era no material que se detinham suas possibilidades e prerrogativas. Tudo o que pertencia ao culto, à catequese, à pregação ou à evangelização era como um domínio reservado. Aqueles que têm a minha idade sabem que ainda era o caso há 50 anos, e até mesmo, menos. Porém desde novembro de 1617, Padre Vicente teve a audácia de escrever, ele mesmo, o regulamento da primeira equipe de leigos que fundou, e declarou que esta equipe teria por responsabilidade assistir **espiritualmente e corporalmente** os pobres da paróquia. Ao longo deste regulamento ele insiste muito, sobre o que se chamaria hoje a missão de evangelização. Foi uma grande reviravolta, e depois disso, Vicente de Paulo teve muitos problemas com os Párocos. Em todos os lugares onde pregava uma missão, ele ou seus co-irmãos suscitavam e organizavam este tipo de equipes de leigos que se chamavam Confrarias da Caridade. Se os Vigários, em geral, concordavam com a assistência material, por outro lado, eles consideravam estes leigos vicentinos inoportunos, e sem competência em matéria de evangelização... Contra ventos e marés, Padre Vicente mantinha-se firme!

E no que se referia ao lugar das mulheres na Igreja, a lógica de São Vicente apareceu ainda mais corajosa e mesmo audaciosa. Que um homem leigo, viesse tratar da evangelização, era inoportuno, mas tolerável! POR OUTRO LADO, uma mulher... Neste ponto, Padre Vicente conhecia e se sentia um pouco provocador. Lendo seus textos, aliás, percebe-se que o Gascão que era não ficava tão bravo. Escutem apenas estes dois pequenos textos... e se diz que há muitos outros! Ele falava com as mulheres, engajadas nestas equipes de leigos que ele fundava em todos os lugares por onde passava: “Entrais no exercício das viúvas da Igreja primitiva que é de cuidar dos pobres corporalmente como faziam, e ainda, o espiritual das pessoas do mesmo sexo como o faziam; ao que tereis a supressão da proibição que vos é feita por São Paulo, na primeira carta aos Coríntios: que as mulheres se calem nas Igrejas; com efeito, não vos é

permitido falar...” (Coste XIII, 764). Vicente de Paulo em contradição flagrante com o Apóstolo Paulo. Falava-lhes de provocação; havia, provavelmente, um pouco... e imaginem o efeito de tais palavras na Igreja do Século XVII!

Outro texto: “Há oitocentos anos, ou aproximadamente, que as mulheres não tinham um serviço público na Igreja; antes havia algumas que eram chamadas diaconisas, que se encarregavam de organizar as mulheres nas Igrejas e instruí-las sobre as cerimônias que estavam em uso no momento. Mas, no tempo de Carlos Magno, por uma conduta secreta da Divina Providência este uso cessou, e o sexo feminino foi privado de toda função, sem que depois tivesse tido outra, - e eis que esta mesma Providência dirige-se hoje a algumas de vocês, para assegurar o que faltava aos pobres doentes do Hotel-Dieu” (Coste XIII, 809-810). E Vicente lembra às Senhoras a missão de evangelizadoras dos pobres, bem como, seu lugar e sua responsabilidade na IGREJA.

Decididamente, nosso grande Santo landês exerceu uma função determinante, em tudo o que faz ainda hoje a riqueza de nossa Igreja, de acordo com o Vaticano II.

### **ESPÍRITO SANTO, QUE FAZES TU?**

Padre Vicente nos respondeu: o Espírito Santo consagra e envia a Igreja a anunciar a Boa Nova aos pobres, até as extremidades do mundo. É muito simples. Isto se encontra no livro do profeta Isaías. E entre as 1.277 páginas da Bíblia de Jerusalém, é a passagem que Jesus Cristo escolheu para definir a prioridade de sua missão, em Lc 4, 18.

O que faz o Espírito Santo? Ele sopra neste sentido, nos corações, do Papa, dos Bispos, dos Leigos, homens ou mulheres. Este sopro do Espírito será sentido muito tempo pelos Leigos, os Padres, os Bispos e o Papa, a Igreja irá na BOA DIREÇÃO, pois será a Igreja do Espírito.

Padre Jean MORIN, cm

## **COBERTURA 3**

### **61ª Conferência anual DPI/ONG para comemorar o 60º aniversário da Declaração universal dos direitos humanos.**

É a manifestação mais importante do ano das ONGs (Organizações não governamentais) junto com a ONU. Ela foi organizada pelo DPI (Departamento de Informação da ONU) em parceria com a comunidade das ONGs para comemorar o 60º aniversário da Declaração universal dos direitos humanos. Com o tema: “*reafirmar os direitos humanos, a Declaração universal completa 60 anos*”, a Conferência despertou a sensibilização profunda às questões dos direitos humanos e um compromisso mais intenso das ONGs neste campo.

Aproximadamente 2.000 participantes, procedentes de 90 países (dos quais 10 Filhas da Caridade atualmente na Casa-Mãe) participaram desta 61ª Conferência anual das (ONGs) associadas ao DPI da ONU que aconteceu em Paris de 3 a 5 de setembro de 2008 nas dependências parisienses da UNESCO (Sede da Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura). Foi a primeira vez que esta Conferência se realizou fora da Sede das Nações Unidas em Nova Iorque.

A Conferência permitiu debater dos meios de sensibilização ao significado dos Direitos Humanos. Valorizou “os esforços e as realizações únicas realizadas pela sociedade civil no

mundo inteiro, em parceria com as Nações Unidas, os Estados membros e outros atores, para fazer deste sonho uma realidade”.

Um outro resultado positivo desta Conferência foi suscitar uma mobilização geral das ONGs em favor dos Direitos Humanos. Todas as ONGs – e não somente aquelas que são especialistas neste assunto – se sentiram contempladas. Para o encerramento desta 61ª Conferência, os participantes ouviram alocações de Stéphane Hessel, Embaixador da França, de Ingrid Bétancourt, ex-Senadora colombiana que se dirigiu à Conferência por vídeo-transmissão e de Shamina de Gonzaga, Presidente de 31º Conferência anual.

A dignidade humana deve ser defendida incontestavelmente e, a este respeito, a indiferença é o “inimigo número um” declarou Kiyu Akasaka, o Secretário geral adjunto das Nações Unidas para a comunicação e a informação.